ANO 19.º QUINTA-FEIRA, 27 DE ABRIL DE 1939 N.º 5901

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 40 CENTAVOS
Editor — JOÃO CHRYSOSTOMO DE SA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273

11 ANOS NO MINISTERIO DAS FINANÇAS

O sr. dr. Oliveira Salazar

foi muito cumprimentado

e ofereceu um almoço aos ministros pronunciando um interessante discurso

No jardim da residencia do sr. Presidente do Conselho — O sr. dr. Oliveira Salazar, que vai á frente com o sr. ministro da Justiça faz as honras da casa aos seus convidados, que são todos os membros do Govêrno

Já lá vão onze anos depois que Salazar tomou conta da pasta das Finanças, iniciando a obra que nos colocou na situação de desafogo, com que vamos resistindo a uma crise durissima que gasta as nações, triturando-as e empobrecendo-as.

Na terra da instabilidade governativa, das criticas de bota-abaixo, da exploração do Estado por patuleias insofridas, ele regulou os acontecimentos, subtraindo-os á indisciplina, ao fatalismo, ao capricho revolucionario, ás influencias corruptoras e subterraneas de potentados com mais dinheiro que moral, a-fim de que a nação vivesse normalmente, com principios certos e orientação definida, produzindo e gastando não como um perdulario, mas como o homem honrado que trabalha e economiza.

O tempo passa rapido ou lento, conforme o gosto ou o desgosto que a nossa consciencia nos dispensa. Os onze anos da nossa reconstrução financeira encerram esta lição, digna de ser memorada por quantos amam os bons exemplos— governar exige coragem, confiança, competencia e caracter para não flutuar, a sabor das virações contrarias.

Teve Salazar horas em que a sua calma energia sentiu que lhe era necessario redobrar o esforço, na luta contra os velhos habitos e vicios enraizados nos nossos costumes?

A-pesar do silencio em que se envolveu, pondo, entre o seu penoso labor e o tumultuar das paixões encapeladas, uma distancia rasoavel, alguma vez o seu animo, aliás bem temperado para vencer resistencias e amaciar rudezas, conheceu o ponto critico em que os verdadeiros estadistas revelam a sua indole combativa. Nunca, porém, manifestou nem desanimo, nem descrença, nem receio de medir-se com as dificuldades. Os seus ilustres colaboradores—entre os quais se destacam os srs. Leal Marques e dr. Guilherme Moreira—acharam-no sempre estranho ao que Oliveira Martins considerava uma das fraquezas da nossa politica—a vacilação e o subterfugio.

Muitos crêem que a nossa restauração financeira, uma vez operada, é negocio arrumado e portanto assente em bases inabalaveis. Como se enganam! Demanda aplicação constante e continua, um cuidado vigilante de piloto que defende o seu navio de quantos perigos tem o mar. Salazar sabe, inequivocamente, que, na desordem da epoca actual, não existe firmeza em cousa alguma, estando o orçamento sujeito a remodelações inesperadas que fazem dele a encruzilhada das surpresas.

Para que o país esteja em condições de não recorrer á finança nacional ou internacional, nem descurar a sua reconstrução economica, paralela á sua renovação politica e social, os serões hão de ser longos e as reflexões prudentes e demoradas. O pacifico burguês, que busca diariamente nos jornais as cotações da Bolsa, esfrega as mãos, satisfeito com a bela colocação dos seus capitais, pensando consigo:

—A primavera é a joia das estações!

Por um justo dever de gratidão, não seria mau que acrescentasse ao seu jubilo:

—Salazar, governando a bem da nação, faz do Estado a garantia da ordem, do trabalho e da prosperidade.

Claro, os juros que recebe, pagos pontualmente, não o autorizam a supôr que não tem mais nada a fazer do que isso.

Salazar não é pelo capital, senão na medida em que o capital cumpre uma missão produtiva e patriotica.

Diversas comemorações

O aniversario da investidura do sr. dr. Oliveira Salazar na pasta das Finanças comemorou-se por diversas formas, entre as quais se destacaram as prelecções feitas nos estabelecimentos de ensino dependentes do ministerio da Educação Nacional.

O sr. dr. Carneiro Pacheco determinou que em todas as escolas se solenizasse esta data, com palestras que ensinassem aos novos o que tem sido a obra de salvação nacional empreendida pelo Estado Novo e pelo seu mais significativo representante. Nessas palestras, além de se evocar a obra financeira realizada, explicou-se o alto objectivo das comemorações dos centenarios da independencia e da sua restauração.

Nos liceus de Gil Vicente, Camões, Pedro Nunes, Passos Manuel e Maria Amalia Vaz de Carvalho, realizaram-se sessões, ante os alunos e as alunas, a que compareceram tambem pessoas das respectivas familias, nas quais foi exalta a acção do sr. dr. Oliveira Salazar e do novo regime.

Tambem, por determinação do Comissariado Nacional da «Mocidade Portuguesa», comunicada a todas as delegações provinciais, foi destacada a importancia da obra patriotica do chefe do Governo, no tempo destinado á leitura da folha de doutrina.

Na residencia do chefe do Governo

Durante todo o dia de hoje, foram á residencia do chefe do Governo, na calçada da Estrela, centenas de pessoas de todas as categorias sociais, deixar cartões de cumprimentos ao sr. dr. Oliveira Salazar e ramos de flores, destacando-se entre estes o que levou o engenheiro Amorim, chefe dos serviços dos jardins da Camara Municipal.

Um almoço aos ministros

O sr. dr. Oliveira Salazar ofereceu, na sua residencia, um almôço aos membros do Governo.

O primeiro a chegar foi o sr. dr. Mario Pais de Sousa, ministro do Interior, que, a-pesar-de coxear um pouco, devido ao desastre que sofreu, se apresentava muito bem disposto. Eram 13 horas e 20.

Seguidamente, apearam-se dos seus automoveis, no lindo jardim do palacete, os srs. sub-secretario das Corporações e Previdencia Social, chefe do gabinete do sr. presidente do Conselho, ministros da Justiça, da Marinha e da Agricultura, sub-secretario de Estado das Finanças, ministro das Colonias, sub-secretario de Estado da Guerra, ministros da Educação Nacional, das Obras Publicas e Comunicações, sub-secretario das Obras Publicas e ministro do Comercio e Industria.

Em seguida, na sala de jantar do andar nobre—hoje utilizada pela primeira vez—, realizou-se o almôço, a que presidiu o sr. dr. Oliveira Salazar, tendo na cabeceira em frente o sr. dr. Mario Pais de Sousa. A' direita do chefe do Governo, tomaram lugar, sucessivamente, os srs. drs. Manuel Rodrigues, Carneiro Pacheco e Vaz Serra, Leal Marques, engenheiro Rebelo de Andrade e dr. Francisco Vieira Machado, e á esquerda os srs. comandante Ortins de Bettencourt, capitão Fernando Santos Costa, dr. João Pinto da Costa Leite (Lumbrales), enge-

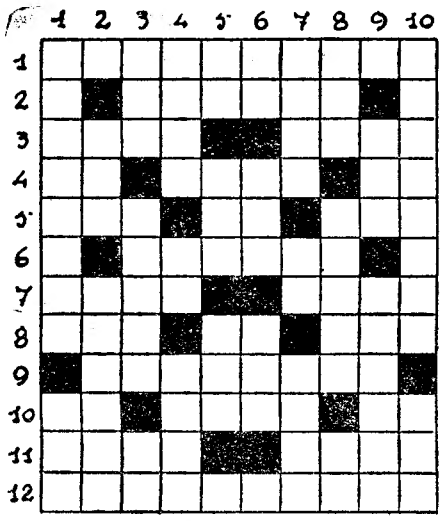
(Ver continuação na pagina central)

PALAVRAS CRUZADAS

Solução do problema n.º 4

■	A	N	A	P	A	U	L	A	■
M	■	O	S	A	N	T	O	■	D
E	S	■	S	I	O	E	■	O	O
N	I	N	I	■	■	R	U	B	I
I	M	■	M	A	N	O	■	O	D
N	A	O	■	S	O	■	A	B	A
A	O	V	A	■	■	O	N	O	D
E	■	O	F	I	S	I	S	■	E
M	■	M	O	N	I	C	A	■	A
O	■	■	G	A	N	A	■	■	M
C	A	I	U	■	■	C	U	C	O
A	R	T	E	D	E	A	M	A	R

Problema n.º 5



Historia da Idade Media

HORIZONTAIS—1. Imperador da Alemanha que tomou parte na terceira cruzada; 2. Rei dos visigodos; 3. Vantajoso; pessoa gorda; 4. Imagina; jogo muito popular na idade media; ele (ant.); 5. Intimo; iniciais dum periodo historico; afadiga-se; 6. Primeiro rei da dinastia carolingia; 7. Paraiso terreal; fraude (inv.); 8. Existir; porco (giria); empregue; 9. Sultão do Egipto que tomando Jerusalem deu origem á terceira cruzada; 10. Pedra de dominio; pronome pessoal (pl.); preposição. 11. Um dos reinos formados por Pelagio; cognome de Filipe IV, rei de França; 12. Povo germanico comandado por Teodorico.

VERTICAIS—1. Batalha que Filipe Augusto ganhou a João sem Terra; a barlavento; 2. Sustem; entregasses; 3. Uma das peças no jogo do xadrês; poema dramatico com musica; preposição inglêsa; 4. Letras apostolicas; em (francês); anruela (inv.); 5. Ataque de paralisia; simbolo da natureza (inv.); semelhante; 6. Graceja; erga (inv.); composição poetica; 7. Anagrama de luco; contracção; anagrama de biso; 8. Axe (inv.); invalidos (inv.); preposição (inv.); 9. Culpado; gorduroso (inv.); 10. Viuva dum rei italiano, e depois casada com Otão, conquistador de Pavia; pedra de lagar (pl.).

PELICULAS FOTOGRAFICAS

As **VERITAS** são as melhores entre as melhores.

Experimenta-las é preferi-las.

Preços:

4x6,5	**rolo**	**5$30**	**— copia**	**$40**
6x9	**»**	**6$00**	**— »**	**$50**
6x11	**»**	**7$50**	**— »**	**$70**

A' venda em todas as casas da especialidade.

Representante para Portugal: **FOTOGRAFIA ACHILES** — Av. Almirante Reis, 1-1.º Andar — Lisboa.

A GRAVATA CHIQUE DAS PESSOAS DE BOM GOSTO

CONFERENCIAS

O sr. tenente Luis Demony, que residiu durante quasi onze anos na nossa colonia de Moçambique, onde desempenhou varias comissões de serviço, entre as quais as de vogal do Conselho de Cambios e funcionario dos Serviços de Estatistica, realiza, na Sociedade de Geografia de Lisboa, no proximo dia 29, as 21 e 30, uma conferencia subordinada ao titulo: «Alguns aspectos da vida de Moçambique». Nela se ocupará da situação financeira da colonia e de alguns dos seus problemas economicos de maior interesse.

Baile dos alunos do Tecnico

No dia 29 de maio realizar-se-a, no Instituto Superior Tecnico, o baile de despedida dos sextanistas.

Para esta festa, que em virtude do exito alcançado pelas precedentes esta sendo ansiosamente aguardada, foram contratadas duas magnificas orquestras.

Além do baile, haverá numeros de variedades, para os quais prestam a sua gentil colaboração algumas das primeiras figuras do nosso teatro.

As marcações de mesas e os pedidos de bilhetes podem ser desde ja feitos pelo telefone 49.41 (linha 50).

As obras da avenida Almirante Reis

Assinada por cerca de cem comerciantes e industriais que exercem a sua actividade na avenida Almirante Reis, entre os Anjos e o largo Martins Moniz, foi dirigida ao sr. presidente da Camara Municipal uma exposição, pedindo-lhe que as obras de modificação daquela aveuida sejam aceleradas, para evitar grandes prejuizos ao comercio e á industria, provocados pela morosidade de tais trabalhos.

A ESTRADA DO CACEM

CACEM, 25. — Começaram activamente no Cacem os trabalhos para o alargamento da estrada Nacional, superiormente dirigidos pelo engenheiro sr. Galgliardini Graça, da Junta Autonoma de Estradas.

O alarmagento desta via interessa grandemente ao turismo e ao povo em geral, porque atenua em muito as perigosissimas curvas onde se têm registado numerosos desastres que levaram o luto á povoação e a diversas familias.

CONGRESSO AERONAUTICO

Realiza-se na Universidade de Columbia, de 11 a 16 de setembro proximo, um Congresso Internacional de Ciencias Aeronauticas. O governo português foi convidado a fazer-se representar.

VIDA DIPLOMATICA

Em virtude da transferencia do actual secretario da Legação de França em Lisboa, o sr. Du Chayla, foi nomeado para o substituir o sr. de Panafieu.

Mocidade Portuguesa Feminina

No proximo sabado, 29, não se realizam as habituais sessões de instrução da M. P. F

DIA RELIGIOSO

AMANHÃ, 28. — S. Paulo da Cruz.

Lausperene, sai da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, para a de S. José.

Conceição Nova, ás 12, festa a Senhora Santana, sermão; ás 20, *Te-Deum*, procissão e benção.

Graça, ás 11, missa no altar dos Passos e exposição da referida imagem nas igrejas do costume.

S. José, ás 11 e 30, missa solene da exposição do Santissimo; ás 18 e 30, terço de Benditos.

Portugal no Congresso Polar

A-fim de se ocupar da nossa representação no Congresso Polar que vai realizar-se em Oslo no principio do ano de 1940, reuniu-se a comissão de Historia da Sociedade de Geografia. O sr. conde de Penha Garcia deu posse do lugar de presidente da comissão ao sr. general Teixeira Botelho e do de vice-presidente ao sr. almirante João de Freitas Ribeiro. A comissão resolveu colaborar nos trabalhos do referido congresso e volta a reunir-se dentro de breves dias.

No Instituto Rocha Cabral

No Instituto Rocha Cabral, inicia-se hoje, ás 21 e 30, uma serie de conferencias. Esta noite, o sr. dr. Joaquim Fontes falará sobre «A vitamina da fertilidade». As outras conferencias são as seguintes: dia 4 de maio: «O centenario da teoria celular», pelo sr. dr. Celestino da Costa; dia 11: «Hormonas sexuais e suas acções fisiopatologicas», pelo dr. Mack Athias; dia 18: «Principios anti-anemicos», pelo sr. dr. Anselmo da Cruz; dia 25: «Algumas ideias novas sobre as vitaminas», pelo sr. dr. Kart Jacobson.

Venda de terrenos municipais

Na C. M. L. realiza-se amanhã, 28, ás 11 horas, uma hasta publica de 14 lotes entre a rua Lucinda do Carmo e o prolongamento das ruas Actor Isidoro, Augusto Machado e Carlos Mardel. Os terrenos são destinados a construções de tipo médio, sendo o preço-base de 110$00 e 120$00.

A Camara facultará aos compradores os projectos das edificações que estão patentes ao publico no Palacio Municipal, pelo preço de 10 o/o do custo de terreno, estando incluidas no preço as licenças camararias, a fim de as construções poderem ser iniciadas imediatamente.

Moçambique pede agrimensores

No ministerio das Colonias foi recebido um telegrama do governo geral de Moçambique, no qual se diz que o numero de agrimensores oficiais é insuficiente para atender todos os pedidos de demarcações; que, por falta de agrimensores particulares, pois ha apenas um, a-pesar-de já ter havido diversos, sempre com trabalho assegurado, estão demoradas numerosas demarcações tanto de concessões de terrenos como florestais, e que julga poder-se garantir ocupação compensadora a alguns portugueses bem habilitados para trabalhos de agrimensura.

27/4/1939

DOMINGO NO CAMPO PEQUENO

DUAS GRANDES CORRIDAS NA MESMA TARDE

O espectaculo que satisfaz os partidarios das duas lides — portuguesa e espanhola

Cavaleiros: JOSÉ CASIMIRO e D. VASCO JARDIM. **Bandarilheiros:** os nossos melhores artistas de pé, entre eles AGOSTINHO, PROCOPIO e PLA' FLORES. **Forcados:** Um grupo composto pelos melhores pegadores: Artur Garret, Edmundo de Oliveira, Vitaliano Torres, Pé de Cherin, João Soeiro, Adriano Ferreira, Augusto Lino e Antonio Bádé

ESPADAS: Os valentes matadores de novilhos **Lopez Lago** e **Antonio Martin «Revertito»**

8 TOIROS *de casta espanhola da acreditada ganaderia Pinto Barreiros, sendo quatro para a lide à portuguesa e quatro desembolados para a lide à espanhola*

PREÇOS POPULARES. A BILHETEIRA ABRE AMANHÃ. OS SRS. MARCADORES TERÃO OS SEUS LUGARES RESERVADOS ATÉ SABADO ÁS 20 HORAS. BILHETES ESPECIAIS PARA NOVOS AFICIONADOS ATÉ 16 ANOS.

BOLSA DE LISBOA

27 de abril

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Consolidado 5 3/4 T. 10.	940$00	—	940$00
Consolidado 4 °/₀ T. 10.	992$00	991$00	994$00
Consolidado 4 1/2 T. 10.	1.023$00	—	1.024$00
Consolidado 4 3/4 T. 10.	1.139$00	—	1.139$00
Consolidado 5 1/2 T. 10.	1.052$00	1.052$00	1.053$00
Obgs. Tesouro 3 1/2 T. 10	—	—	—
Externas 1.ª série	1.630$00	1.629$00	1.630$00
Externas 1.ª carimbadas	1.672$00	1.670$00	1.673$00
Externas 3.ª série	1.652$00	1.650$00	1.655$00
Externas 3.ª carimbadas	1.760$00	1.757$00	1.766$00
Cautelas da 3.ª série sjj.	152$00	153$00	152$50
Acções			
Esp.S.º e Com. Lx.ª port.	740$00	740$00	745$00
Lisboa e Açôres port. ..	—	340$ 0	345$00
Ultramarino cp T. 10 ...	—	22$.0	—
Portugal port. T. 5.....	—	1.015$00	1.020$00
Fidelidade.....	—	—	—
Mundial	245$00	245$00	—
Nacional	—	680$00	—
agres.....	—	1.130$00	—
Aguas Lisboa port.	275$00	271$00	276$00
Aguas Lisboa 1934 T. p..	155$50	—	—
Aguas Lisboa 1936 T. p..	—	—	—
Cervejas Estrela	—	495$00	—
Cimentos Tejo	—	—	—
Cimentos Leiria T. p. ..	—	—	—
Credito Predial	—	9$10	9$50
Gas e Electricidade.....	255$00	255$.0	255$50
Alto Alentejo 1.ª/2.ª em.	—	29 $00	—
Alto Alentejo 3.ª/4.ª em.	—	285$00	290$00
Industria Aliança.....	—	—	—
Portugal e Colonias.....	89$6.	89$50	89$80
Nacional Navegação T. p.	161$00	161$00	161$50
Colonial de Navegação.	—	48$00	54$00
Portuguesa de Pesca....	—	—	365$00
Ind. Farmaceutica	—	—	—
Portuguesa de Tabacos.	368$50	368$00	369$00
Tabacos de Portugal....	—	285$00	291$00
União Electrica Portug.	—	—	—
Cassequel	237$00	236$50	237$50
Agricola das Neves	169$00	159$00	162$00
Agricultura Colonial....	—	114$00	118$00
Açucar de Angola.....	383$50	383$00	384$00
Buzi 1.ª emissão T. p. ..	42$50	42$5	43$00
Ilha do Principe.....	165$00	161$00	166$00
Zambezia T. 25.....	—	14$20	14$40
Obrigações			
Norte de Portugal 5 °/₀.	—	104$00	105$00
C. P. 6 °/₀	197$00	196$5	198$00
C. P. 6 °/₀ Beira Baixa...	197$00	197$00	198$00
Aguas Lisboa 4 1/2 cp.	84$00	83$00	84$50
Predials 5 °/₀ 1933	—	84$50	—
Predials 5 °/₀ 1937.....	—	84$50	—
Predials 6 °/₀ 1932 1.ª....	—	90$50	—
Predials 6 °/₀ 1932 2.ª....	—	90$50	91$50
Predials 6 °/₀ 1934 1.ª 3.ª	—	90$50	91$50
Predials 6 °/₀ 1934 4.ª/6.ª..	—	90$80	—
C. N. I. Moagem 5 °/₀ T. p.	—	—	945$00
União Elect. Port. 5 °/₀..	—	106$00	107$50
União Elect. Port. 6 1/2 °/₀	—	113$00	116$00
Buzi 5 1/2 °/₀ T. p.	—	113$5	114$50
Buzi 6 1/2 °/₀ T. p.	114$50	114$00	115$00

HENRIQUE DE BARROS GOMES
Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 2 5182 RUA S. JULIÃO, 60

CAMBIOS

CHEQUE SOBRE	Compra	Venda
Londres	110$15	110$19
New-York	23$52,9	23$54,2
Paris	$62,3	$64,3
Berlim	9$44,1	9$14.6
Madrid	2$60,7	2$60,8
Amsterdam	12$55,2	12$55,9
Bruxelas	3$97,6	3$97,9
Roma	1$23.7	1$23,8
Zurich	5$28 2	5$.8,6
Rio de Janeiro	1$37,6	1$37,7
Libra ouro	—	—

Café Restaurante-TAVARES

(O mais confortavel de Portugal)

LANCHES para casamentos. Banquetes Diplomaticos para fora. A nossa casa contratou um chefe de cozinha para estes serviços. Todos os dias Lagostas vivas e cozidas. K. 18$00. T 2.1112.

RETIRO DA SEVERA Telefone 29638

HOJE — Noite da Moda — HOJE

Festa de despedida da distinta artista cantora de Fados

BERTA CARDOSO

com a brilhante colaboração de ALBERTO COSTA, Deonilde Gouveia, José Porfirio, Adelina Ramos, Domingos Silva, Lucilia do Carmo, José Tovar, Maria Raquel, Jaime Santos e Santos Mereira. Ninguem deve faltar a despedida de **Berta Cardoso,** que segue para o Brasil com a Companhia **Beatriz Costa.**

Entrada por pessoa 2$50
Consumo obrigatorio por pessoa 2$50

CAFÉ MONDEGO Telef. 2 5676

HOJE: Natividade Pereira, Maria Pereira, Modesto Maia, e solos de viola por Pais da Silva. Consumo 1$50.

Natercia Morgado Cidreiro

Agradecimento e Missa do 30.º dia

Sua familia manda celebrar amanhã 28, ás 9 e 30, missa pelo seu eterno descanso, na igreja de Santo Antonio do Estoril.

Por este meio agradece reconhecida ás pessoas que lhe testemunharam a sua amizade e a quem, por falta de endereço, não o podem fazer por escrito.

TEATROS E CINEMAS

Imagem do dia

Um filme de Charles Boyer é sempre uma rajada violenta de paixão. Neste filme «Ele e... ela», o grande artista mais uma vez nos sacode os nervos, na crispação dolorosa da sua alma e dos seus sentidos, criando um tipo muito belo de amante perseguido pela fatalidade. «Ele e... ela», é uma linda historia de amor, feita ao principio com ironia, numa cintilação muito fina de espirito, para terminar, depois, passado o drama das almas, com alegria duma reconquista maravilhosa. Irene Dunne, grande interprete, é a mulher que Charles Boyer ama. A sua representação é verdadeiramente extraordinaria de humanidade, de poesia humilde, e tambem de resignação e suavidade amorosa.

Atrás do reposteiro

Efectuando-se hoje, no Maria Vitoria, o ensaio geral da opereta-fantasia de costumes regionais «Cacho Dourado», é depois de amanhã que esta peça será apresentada ao publico pelos «Artistas Associados», em duas sessões e a preços populares.

— Indica-se como certa a representação, ainda esta epoca, duma revista de dois autores novos, mas já representados com exito, com a colaboração doutro autor largamente experimentado.

— No teatro da «Voz do Operario» realiza-se depois de amanhã a festa das atrizes Ondina Dubini e Emilia Correia com o filme «O homem do dia» e um acto de variedades pelas artistas Maria Cristina, Maria Laura, «Os Dubinis», Berta Monteiro, Emilia Correia e Hortense Ribeiro.

— Os «Artistas Unidos», a sociedade artistica do Apolo, fixou para a proxima semana a estreia da sua nova revista «Lá vai Lisboa!», que está a ser ensaiada de dia e de noite, sob a direcção de Augusto Soares.

— Porque o «Bagé» só chegará a Lisboa no dia 5 de maio proximo, será neste dia que embarcam para o Rio de Janeiro todos os artistas da companhia Beatriz Costa, cuja estreia, no Republica, do Rio de Janeiro, se fará, portanto, no dia 25.

— Por um grupo de artistas dirigido pelo actor Rafael Alves, representa-se hoje, no teatro de Paço de Arcos, a peça de Ramada Curto, «Recompensa».

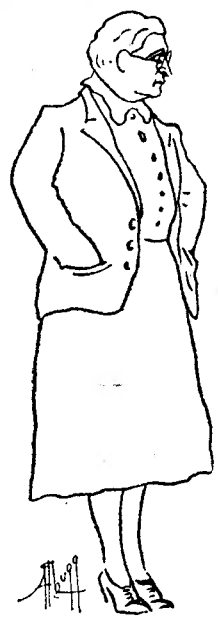
— Para a sua «tournée» pelo país, a companhia Hortense Luz tem já concluidos os ensaios da farsa «Os Bébés», e está a ultimar os de «Riquezas da sua avó».

— Na primeira quinzena de maio realizar-se-á no Sá da Bandeira, do Porto, uma série de espectaculos pela companhia de Maria Matos, com as comedias «Os Anjinhos», «A Fidalga de Arronches» e o «Principe Herdeiro».

— Aguarda-se ainda esta semana a resolução superior que determinará a possibilidade de se realizarem no proximo mês espectaculos de revista no Coliseu dos Recreios.

«A vida é assim!...», no Avenida

A empresa do Avenida está no louvavel proposito de só levar á cena originais portugueses, se a nossa escassa produção teatral o permitir. Não podemos deixar de aplaudir sem reservas esta resolução, que muito pode contribuir para animar a nossa literatura dramatica, estimulando autores que até aqui se remetiam a um comodismo facil, desanimados pelo acolhimento que supunham encontrar junto dalgumas empresas teatrais.



PALMIRA BASTOS
em «Maria Antonia»

A peça que ontem se estreou deixa-nos supôr que existem entre nós autenticas vocações literarias que, uma vez encaminhadas para o Teatro, podem libertar-nos da dependencia vexatoria em que nos encontramos da produção estrangeira. Temos grande satisfação em o poder reconhecer, no dia seguinte ao da estreia dum original português que nos proporcionou o raro prazer de admirar, a que estamos tão pouco habituados entre nós, em materia teatral.

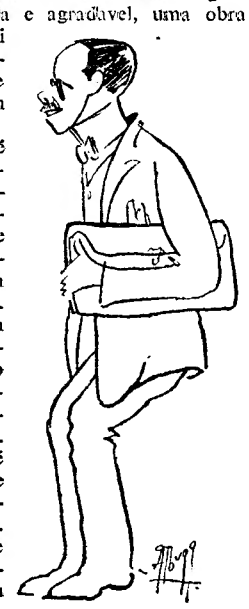
Não se suponha que nos move um proposito defectista ou um *parti-pris* injusto, ao criticarmos certos produtos literarios que por vezes aparecem em palcos portugueses e cuja inferioridade nos vexa muito mais do que as más adaptações do teatro espanhol ou argentino. Preferimos, no entanto, sempre que isso suceda, emitir sinceramente a nossa opinião a usar da critica branca e acomodaticia ou da lisonja hipocrita e repolhuda, embora com prejuizo do conceito que os criticados ficam a fazer de nós, esganiçando-se umas vezes em epistolas ironicas (já as temos recebido anonimas e escritas na linguagem de arreeiros com que alguns atamancam a sua «poesia dramatica») e outras em má lingua inofensiva de café. Perdoai-lhes, Senhor, que o despeito cega-os e a vaidade turva-lhes o claro entendimento.

A peça de Rui Correia Leite, «A vida é assim!...», revela um escritor cheio de qualidades, que sabe manejar o dialogo com espirito e conduzir um entrecho com logica e naturalidade. E' uma comedia despretensiosa, em que o elemento dramatico briga, por vezes, com a intenção comica, mas que reune muitas condições de agrado. Dialogada com leveza e com inteligencia, dum humorismo espontaneo, caracteriza-se sobretudo por uma facilidade surpreendente num autor que se estreia. Algumas cenas são deliciosas de frescura e de graça primaveril, como a do beijo no 2.º acto. Podiamos apontar outras que documentam uma experiencia e um *savoir-faire* invulgares, a par de brilhantes qualidades literarias.

Todas as figuras procuram ser humanas e conseguem-no quasi sempre. Pode não haver originalidade no caso que apresenta, mas ha uma maneira pessoal de o tratar, um conhecimento pouco vulgar da tecnica teatral num estreante e uma segurança de processos de quem atingiu a maioridade literaria.

Respira-se em toda a peça uma filosofia amavel. Figuras e cenas acusam uma observação justa e sorridente. A critica de costumes é feita num tom gracioso. Lembra a graça caracteristica do chamado teatro de *boulevard*, que por vezes trata os assuntos mais serios com uma ironia á flôr da pele.

Não vale grande coisa a anecdota, que se resume a um simples passatempo teatral. Carece, por vezes, de conteudo psicologico. A frivolidade é o seu tema favorito. Mas, por isso mesmo, mais admiração nos merece o autor, que conseguiu com tão escassos materiais erguer uma obra equilibrada e agradavel, uma obra de espirito, que sai fora da craveira vulgar e que se ouve quasi sempre com um sorriso de simpatia.



ASSIS PACHECO
no «Sr. Sardinha»

O desempenho, é de toda a justiça dizer-se, valorizou consideravelmente a peça. Poucas vezes se consegue um conjunto tão perfeito em palcos portugueses. Palmira Bastos, com o prestigio do seu nome e a irradiação simpatica da sua arte, elevou o nivel artistico da companhia. O seu desempenho é impecavel, cheio de humanidade e de dignidade profissional. Brunilde Judice, de uma elegancia parisiense, conduziu o seu papelinho com alegre disposição. Irene Isidro teve algumas cenas perfeitas e representou sempre com saborosa ingenuidade.

Assis Pacheco criou um tipo admiravel de ninfomaniaco, timido e arguto, dum humorismo irresistivel, que dispõe bem a plateia. Abilio Alves desempenhou-se com a maior correcção do seu papel, que não oferece qualquer particularidade. Aurora Celeste, Elvira Velez e Lucia Mariani completam com acerto o elenco feminino, da mesma sorte que Alvaro Benamor e João Guerra contribuem para o brilhante resultado total.

N. L.

Deanna Durbin, no Odéon e no Palacio

O titulo não dá ideia da beleza do filme, da sua delicada e espontanea graça. E' do melhor que temos visto no genero, e um dos melhores filmes de todos os generos. Encanta, seduz, provoca gargalhadas sonoras e lagrimas silenciosas. O seu maior encanto, a sua maxima sedução reside, naturalmente, na presença de Deanna Durbin, a mais espantosa revelação do cinema, um fenomeno vocal, um fenomeno de simpatica inteligencia que em três filmes subiu como a espuma, rapidamente e mais alto que tudo, que todos, a estrela n.º 1, e a mais nova de todas.

Em «Doida por musica»—tal é o titulo infeliz do filme felicissimo—chega o espectador a não saber que mais admirar em Deanna Durbin, se a cantora de voz agradabilissima, se a actriz de impressionante naturalidade, se a rapariga formosissima e de encantadora expressão. As suas canções, que surgem espontaneamente no filme, apetece ouvi-las cantar mais vezes, tal a graça que lhes imprime; e a sua «Avé Maria» parece nova, tão inedita é a interpretação que lhe imprime. E na representação atinge a maior altura, sem esforço, antes surpreendendo pela frescura, pela espontaneidade.

Para compreender a verdade de tudo que escrevemos desta sedutora rapariga, é preciso ir vê-la, admirá-la nêste filme admiravel em que tudo está bem dado, a começar pelo ambiente escolar, o feminino mais pormenorizadamente, mas tambem o masculino, perfeito nas manifestações da psicologia da garotada que começa a viver, a sofrer as suas pequenas grandes tragedias. E, além da massa magnifica de raparigas e de rapazes que acompanham Deanna Durbin, ainda temos a sábia escolta do correctissimo Herbert Marshall e dos graciosissimos Gail Patrick e Arthur Treacher. E ha que fixar o nome do realizador do filme: Norman Taurog. Complementos variados e interessantes, á altura do interessantissimo programa.

Visor 39.

Cinema, sabado, no Coliseu

Um grandioso programa duplo de cinema se vai exibir no sabado, em «matinée» e á noite, no Coliseu, com os filmes: «O Imperador da California», com o famoso artista Luiz Funker; e «Tu és a minha felicidade», a encantadora obra lirica com o celebre Gigli, o primeiro tenor do mundo. Os mais baixos preços do cinema. Domingo: programa duplo diferente, em «matinée» e á noite.

Tragedia numa mina

TOQUIO, 27.— Na mina de Yubari, ilha de Okaido, deu-se uma explosão de grisu. 80 mineiros faltaram á chamada. Nesta mina já houve uma explosão o ano passado em que morreram 160 mineiros.—(Havas).

OFERECE-SE
MARIDO CONTRATADO
de amanhã em diante
para ver Av. da Liberdade, n.os 2 a 8

Um triunfo enormissimo no AVENIDA
A comedia de CORREIA LEITE
A vida é assim...
com a grande actriz PALMIRA BASTOS na protagonista

OFERECE-SE
MARIDO CONTRATADO
de amanhã em diante
para ver Av. da Liberdade, n.os 2 a 8

PROGRAMAS DE HOJE

São Luiz — HOJE—A's 21 e 30 Tel. 21172 — A cidadela — uma super-produção de King Vidor com Robert Donat e Rosalind Russell — Audioscopicos 1939 (cinema em relevo)

CENTRAL TEL 24361 — Telef. 24381 — A's 21 e 30 — 3.ª SEMANA — GUNGA DIN — com Gary Grant, Victor Mc. Laglen e Douglas Fairbanks Jr.

ODEON — A's 21 e 15 — Telef. 2 6283
PALACIO — A's 21 e 30 — Telef. 4 7163
Doida por musica — super-produção musical — com DEANNA DURBIN, Herbert Marshall, Gail Patrick e Arthur Treacher

LYS — Tel. 48560 — Aldeia da Roupa Branca — O grande salto

TERRASSE — Tel. 2 9017 — Aldeia da Roupa Branca — No fundo do oceano

TIVOLI — A's 21 e 30 — TELEF. 5 0595 — Ele... e ela — com Charles Boyer e Ireno Dunne

POLITEAMA — A's 21 e 30 — Telef. 26305 — Estreia — A derrocada do crime — com Edward Robinson

REX — Telef. 2 9656 — A's 21 — Branca de neve e os sete anões — A revoltada

PARIS — A's 20 e 30 — Lord Jeff — MADAME X (ultima causa)

ROYAL — Telef. 45037 — A's 21 — O Rei dos gorilas — 24 partes — 13 episodios

EDEN — A's 21 e 30 — Telef. 2 0768 — Reporters á prova de fogo — um filme de Van Dyke com Clark Gable e Mirna Loy

CONDES — A's 21 e 30 — Telef. 2 2523 — ULTIMA — Rapazes modernos — com a orquestra de fama mundial RAY VENTURA. Micheline Cheivrel, Mona Goya, René Leferre, etc.

CAPITOLIO — Telef. 2 7493 A's 21 — Com a verdade me enganas — Encontraram-se num taxi

CASINO ESTORIL — A's 21 e 30 — Os candelabros do Imperador

ROYAL CINE PAREDE — A's 21 e 30 — Telef. 110 — Branca de neve e os sete anões

TRINDADE
HOJE: Ás 9 e 45 horas
A comedia das gargalhadas infinitas
A fidalga de Arronches
com a estupenda criação comica de MARIA MATOS
NA PROTAGONISTA: «D. CAPITOLINA»
e uma grande realização dos artistas da sua Companhia

ATENÇÃO!...
desde hoje até domingo no
VARIEDADES
mais quatro unicas noites da revista
EH! REAL!
com BEATRIZ COSTA
aos seguintes Preços Populares:
Poltronas, 10$00 — Balcão, 7$50 — Cadeiras, 8$00 — Superior, 5$00 — Geral, 3$50 — Frisas, 30$00 — Camarotes, 35$00.

Ovos para incubação
Todo o material avicola
Peça catalogos á
Agencia I. Representações
220--Rua da Madalena--224

TAVOLA REDONDA

Os "tesos„

Nunca—como agora—o clima europeu foi tão favoravel, que nem caldo de cultura, ao microbio da valentia. De tal modo a atmosfera continental está, com efeito, impregnada de violencia, que a velha predisposição bem portuguesa que todos temos para admirar quasi supersticiosamente a tesura e o teso parece espanejar-se muito cheia de lépido contentamento. Até o meu amigo Porfirio, que todas as pessoas das suas relações são concordes em asseverar um sujeito cordato, me dizia ainda há pouco, aludindo aos mais recentes acontecimentos internacionais:

—Lá tesos são eles, deixemo-nos de tretas. Que diacho! Não podemos deixar de o reconhecer...

Ao usar este incolor o inodoro verbo «reconhecer» a verdade é que o meu amigo Porfirio não fez se não utilizar-se do que é costume designar por eufenismo: essa especie de «abat-jour», com que se busca atenuar e suavisar, na sua expressão verbal, uma ideia cuja crueza pode ferir a vista do parceiro. Porque efectivamente, o que Porfirio me confessava reconhecer é, afinal, o que ele em seu intimo «admira».

Tenho desde há muito a opinião de que o comum dos nossos compatriotas faz do complexo psicologico trivialmente traduzido por um certo numero de substantivos, que vão da coragem ao heroismo, um juizo irreflectidamente simplista. Assim como não me conformo com o conceito de uma inteligencia omnimoda, total, absoluta, por igual repudio, como desfigurador da realidade das coisas, o preconceito da tesura pluriforme. Quando oiço dizer que Beltrano ou Cicrano é muito inteligente sinto sempre a tentação de preguntar:

—Para que?

A respeito dos homens intrepidos, dotados de bravura e até mesmo de qualidades heroicas não é menos adequada aquela pregunta.

A coragem possui muitos cambiantes, tantos que no mesmissimo individuo se pode acomodar com uma flagrante—covardia. O aviador, que nos assombra, fazendo «picar» o seu aparelho a cem metros do solo, não é capaz de picar um toiro. E o proprio «diestro», que deixa roçar pelos alamares da jaquetilha as hastes de um cornupeto de vinte arrobas, ao ver o «Chico da Mariana» bater as palmas a um embolado ofegante e de lingua pendente, esfalfadissimo, arregala os olhos de pasmo e exclama:

—Vaya! Que barbaridad!

Há destemidos pescadores do nosso litoral—destemidos no afrontar das vagas e das borrascas— a quem as mulheres, pequeninas mas danadas, agatanham as caras curtidas pelos ventos do largo. Não lhes dão o troco os lobos do mar. E, quando calha, vão queixar-se delas ao administrador do concelho.

Conheci um revolucionario que colecionava brinquedos e durante algum tempo fabricou bombas. Fazia isso com a tranquilidade com que um guarda-livros exercita a sua caligrafia, insensivel ao perigo de, num momento, ficar em pedaços no cubiculo que lhe servia de infernal laboratorio. Pois esse homem, confidenciou-me, um dia:

—Se ouço tiros na rua fico como se nada fôsse comigo. Mas se a cavalaria aparece... Que queres? E' superior ás minhas forças. Ah, o tropel das patas!... «Pisgo»-me logo.

Se não me ficasse mal estar aqui a parasitar a paciencia do leitor contar-lhe-ia, como, certa tarde, em pleno Chiado um terrivel carbonario, se pôs aos pulinhos, muito aflito, só porque um fraldiqueiro, cujo béubéu faria rir uma criança, desatou a ladrichar-lhe ás canelas não sei se instintivamente advertido pelo faro de que aquele homem, aliás tão nervosamente timorato, era—a Hidra.

Os tesos! Os tesos!

Existem de todos os feitios. De todos! Não me consta, porém, que haja ainda aparecido, onde quer que seja, o teso integral, sem «fissure» de covardia, o teso absoluto. Absoluto, absoluto só o Romão Gonçalves.

Mas esse não é como teso: é, simplesmente, como—tenor.

BOURBON E MENESES

A MAQUINA MISTERIOSA

Como se fabricam *notas falsas...* que são verdadeiras

Ha uma pequena Sociedade das Nações, que funciona em Viena e que, a-pesar-da sua importancia vital para o credito dos Estados, quasi ninguem conhece. Trata-se da Comissão Internacional de Repressão da Moeda, com delegações em todos os países, incluindo Portugal, a que pertencem directores de bancos, peritos dos institutos de medicina legal, *detectives*, agentes policiais de reconhecida competencia, etc. O seu correio é volumoso. Graças ás indicações que são trocadas, de nação para nação, tem-se evitado muitos escandalos financeiros, descoberto a pista de falsarios importantes, e conseguido aclarar determinados processos, verdadeiramente geniais, do fabrico de notas falsas. Tem trabalhado com afinco o «comité» português, constituido, é preciso dizê-lo, depois da celebre burla do Angola e Metropole. Pode dizer-se que a nota falsa desapareceu da circulação, tanto mais que, por um decreto, relativamente recente, fôram agravadas as penas dos falsarios que, antes disso, se escapavam com leves penas correccionais.

Surgiu, então, um «negocio» talvez mais lucrativo, para esses delinquentes: o vigario na modalidade das maquinas de fazer notas falsas que, afinal, são verdadeiras, como se vai ver. As «michas», assim se denominam, policialmente, essas maquinas, são pequenas caixas, lindamente envernizadas, especie de telefonias de luxo, com variadas luzes e um engenho, que parece misterioso, mas que é duma simplicidade infantil, que tem o ruído dum motor electrico. De tantos em tantos minutos, toca lá dentro uma campainha. Alguns buracos e uma fenda, por onde saem as notas verdadeiras que, previamente, ali fôram colocadas, e o burlão tem tudo quanto é necessario para fascinar os incautos. A maquina «finge» mesmo que imprime «provas» das notas. O processo de obter essas «provas» é tambem muito simples. O burlão coloca uma nota verdadeira, ensopada num reagente quimico, sob um papel branco, dentro duma prensa. A estampagem é perfeita, embora as cores saiam um pouco atenuadas. A «prova» vai tambem para dentro da «micha» e é tirada, claro, antes da nota verdadeira, para que o burlado tenha a ilusão da laboriosidade do fabrico.

A certa altura, o «vigarista» diz para a vitima:

—Experimente! Vá comprar qualquer coisa. Verá como a nota é boa!

E' o cumulo da sugestão, que dá sempre resultado. O homenzinho vai, compra o que quere, e a nota de 100 ou de 500 escudos, é recebida sem qualquer duvida.

Estas «michas» são muito caras. Não admira: trata-se duma maquina de fazer notas falsas, que parecem mesmo verdadeiras. A vitima não pensa que está cometendo um delito. Convencida da impunidade, e que tem ali á mão a pedra filosofal, que o poderá tornar um Cresus, empenha ou vende tudo para a adquirir. Cinquenta, cem contos, que lhe importam, se terá muito mais depois! Tudo quanto quiser!

Fazem-se verdadeiras loucuras. No Alentejo, dois abastados proprietarios empobreceram. Embora, a certa altura, tivessem sido avisados da burla, não se convenceram. Desfizeram-se de todas as suas propriedades. Hoje, não têm cinco reis. Vagueiam, como sombras, sonhando alto com essa impossivel e criminosa riqueza. No Porto, um comerciante, que comprou uma «micha» por 50 contos, acabou por falir.

O caso, porém, mais curioso é um que se passou nos arredores de Gouvela. Um lavrador remediado, que tinha uma filha de 17 anos, muito linda, recebeu um dia a visita dum simpatico comerciante do Norte que lhe queria comprar umas pipas de vinho. O homem nunca tinha saído do concelho. O viajante, que tinha calcurreado Seca e Meca, falava tão bem, dizia-lhe tantas coisas que uma grande confiança se estabeleceu entre os dois. Além disso, era de boas familias. Dias depois, voltava acompanhado dum cavalheiro muito bem posto, que se fazia passar por titular. Este, rapaz novo, tudo quanto ha de mais galã cinematografico, simulou uma paixão pela filha do lavrador. Ninguem estranhou, pois, que passado um mês a rapariga fôsse pedida em casamento pelo farsante. Foi uma alegria. Tratou-se do enxoval e arranjaram-se os papeis. A data da cerimonia foi marcada para dali a pouco tempo, mas na vespera — oh! ceus! — o noivo desaparecia.

O lavrador ficou alarmado, mas o simpatico comerciante declarou-lhe que o seu amigo titular tinha partido para Barcelona, a tratar dum assunto muito importante, que representava a sua independencia economica. Escusado será dizer que o lavrador, quando lhe falaram em «negocio», ficou com a pedra no sapato.

— Então, o que é?

— Não posso dizer. São milhares de contos em jogo, afirmava, convicto, o comerciante nortenho.

Mas o outro tanto insistiu que uma noite, numa cabana isolada, era-lhe mostrada uma das tais «michas», que funcionava admiravelmente.

Comprou-a logo por trinta contos, vendendo todas as courelas que tinha, mas eram precisos mais vinte. A maquina era supermodelo 1938. Foi um desastre. Quando entregou os cinquenta contos pediram-lhe mais dinheiro. Eram insaciaveis. O pobre homem, porém, estava fascinado. Perdeu a casa, as fazendas, a honra. Tal volta a «micha» lhe deu á cabeça que teve de ser internado num manicomio. Continua vivendo com aquela monomania. Hoje, a quem o visita, diz ainda tão desalentado como crente:

— Tinha ali a fortuna! Roubaram-me tudo!

Tudo menos a filha, que, felizmente, se salvou da engrenagem do crime.

DIGA O QUE PENSA SOBRE...

A CRISE DAS SOCIEDADES DE RECREIO

Conforme noticiámos, o 4.º Inquerito do «Diario de Lisboa» visa a crise que atravessam as sociedades de recreio—crise certamente transitoria, desde que se desperte a apatia que em parte as envolve, e se estimulem todos os elementos de que elas dependem, e nem sempre parecem compreender a função social dessas colectividades — de educação e de recreio.

A que atribuir essa crise, que obriga muitas das mais antigas Sociedades a encerrarem as suas portas ou a viverem com extremas dificuldades, das quais apenas uma meia duzia consegue estar livre?

Ao desinteresse dos socios ou afastamento dos elementos populares?
cios ou afastamento dos elementos populares?

A' falta de amparo das autoridades, ou á precaria compreensão do papel que essas colectividades representam?

A' evolução natural dos costumes da população dos bairros?

Este Inquerito — cujas respostas em depoimentos devem ser curtas e claras — visa robustecer aquelas Sociedades no seu credito social, e a despertar a atenção de quem de direito para as simpaticas agremiações, cujo objectivo unico é educar e divertir, constituindo locais de atracção bairrista.

CINZAS...

Os tumulos

de Camões e Vasco da Gama

vão ser calocados

no baixo côro dos Jeronimos

Continuam com actividade as obras de reintegração dos Jeronimos, cuja fachada, de maravilhoso manuelino, servirá de cenario á exposição do Mundo Português. Os majestosos tumulos de Vasco da Gama e Luiz de Camões, que dormiam o seu sono eterno numa capela lateral, do lado da Epistola, vão ser, transferidos, para outro local do templo, possivelmente, para o baixo côro, á frente do altar onde é venerada a imagem do Senhor dos Passos. O recinto é largo, oruzado de belos arcos, que um vitral, á esquerda, ilumina, suavemente, em reflexos de luz doirada. O pavimento da capela, onde tantos anos estiveram o epico e o navegador, está sendo rebaixado, para ficar á mesma altura da capela, que fica em frente. A grande parede da igreja, que dá para o claustro vai ser, inteiramente, uniformizada, de maneira que a côr das juntas das pedras, demasiadamente claras, seja atenuada.

No côro, fôram retirados os orgãos, velhissimos: saíram aos bocados, e foi recuado, o cadeiral, que embora não seja uma obra de talha artistica importante, tem, no entanto, certa imponencia. Vai ali ser posto o enorme Cristo, que estava, na capela dos tumulos. No claustro fôram tapadas duas portas que não tinham razão de existir, sendo possivel, que sejam desentaipadas outras saídas, que conservam ainda a sua linda moldura de pedra manuelina.

A' volta do jardim do claustro, que estava cimentado, vão ser colocadas lages, iguais ás que se vêem já, no pavimento superior do mesmo, o que preservará o belo monumento da infiltração das chuvas. Nada foi encontrado nas ligeiras escavações que se fizeram. Ha tempos, como então noticiámos, achou-se ali um magnifico anel de arcebispo. E' possivel que o «templo da India» reserve ainda alguma surpresa.

Os tumulos de Camões e Vasco da Gama são, relativamente, recentes. Terão, quando muito, um seculo.

O PORTO pelo telefone

Crime ou desastre?

PORTO, 27. — Esta manhã, perto da estação de Muro, na estrada Porto-Braga, apareceu morto, numa valeta, David Moreira da Silva, casado, trabalhador, residente em Gemonde. Ignoram-se ainda as causas da sua morte, sendo natural que se trate dum desastre, tanto mais que o movimento de automoveis e camionetas naquela estrada é bastante intenso.

David Moreira da Silva andava frequentes vezes embriagado, o que mais reforça a hipotese de desastre. Ha, porém, quem afirme, havê-lo visto durante a madrugada na companhia dum individuo de nome Miguel, pormenor que as autoridades não desprezarão.

O corpo da vitima já foi levantado do local onde se encontrava, apresentando apenas ligeiras equimoses na cabeça. Deixa na orfandade seis filhos menores.

As autoridades locais tomaram conta da ocorrencia.

Prof. Girolamo Ippolito

No «Vulcania» chegou hoje a Lisboa o sr. dr. Girolamo Ippolito, professor da Universidade de Napoles, que, a convite do Instituto para a Alta Cultura, vem a Portugal fazer varias conferencias sôbre hidraulica.

O prof. Ippolito, que se notabilizou em Italia pelo estudo dos problemas hidro-electricos e hidraulico-sanitarios, é autor de numerosos projectos, que tiveram a sua realização tanto na peninsula italiana como nas possessões africanas do seu país.

Aguardavam o prof. Ippolito os srs. ministro da Italia e pessoal da legação e consulado, representantes do Instituto para a Alta Cultura e outras individualidades.

PORTO DE LISBOA

Desembarcaram hoje em Lisboa 64 pessoas vindas de Italia no «Vulcania», a bordo do qual seguem mais 423 passageiros.

Aquele paquete partiu á tarde para Ponta Delgada e Nova York. Em Lisboa embarcaram os srs. Emilio Infante da Camara e esposa; Luiz de Sousa Lara, consul da Turquia em Lisboa; James Young, consul dos Estados Unidos em Lisboa, e José Bensaude.

Entre os passageiros que chegaram de Italia, figuram os srs. engenheiro Antonio Pereira Sousa da Camara e dr. José de Castro.

—No «Monte Pascual» embarcou para Hamburgo o professor alemão sr. Wicholmen Kempff.

NO TOREI

Grande celeuma

por causa dum gato

que se supõe

ter sido envenenado

A sr.ª D. Alzira Ferreira Lucas, residente na calçada dos Caetanos, tinha um gato que era todo o seu enlêvo, tratando-o com carinhos verdadeiramente maternais. O bichano, que era vivo e bom caçador, costumava rondar as gaiolas de passaros da vizinhança, com intenções que não vale a pena agora discriminar.

Ontem, pouco depois das 13 horas — numero que é bastante aziago — a sr.ª D. Alzira sofreu o maior desgosto da sua vida. O gato morria-lhe nas mãos, de doença subita.

O abalo foi tão grande que passou o dia e a noite a chorar. Esta manhã encheu-se de coragem. Queria saber a causa da morte do gatinho. Embrulhou o cadaver em papel de sêda para que a mortalha lhe fôsse leve, chamou um rapazinho, para o transportar, e dirigiu-se ao Instituto Bacteriologico e á Sociedade Protectora dos Animais, a-fim-de o autopsiarem, visto suspeitar que um dos seus hospedes o tivesse envenenado. A autopsia custou-lhe o meconduzia o morto:

Depois, a sr. D. Alzira dirigiu-se com o gato morto ao Torel, a-fim-de apresentar queixa. Em atitude tão comovida como indignada expôs as suas suspeitas ao agente Custodio das Dores. Este, porém, a certa altura, disse para o rapazito que acompanhava a D. Alzira, e que conduzia o gato morto:

— Espera lá fora! O bicho já deita cheiro...

D. Alzira encolerizou-se com semelhante falta de cortezia, opondo-se terminantemente á saída do rapaz.

O agente observou-lhe:

— Nesse caso não a posso atender. O cheiro é de tal ordem que já estou sufocado!

—Ora essa... O gato e o pequeno vêm comigo e não posso permitir que se separem de mim.

Travou-se acalorada discussão. D. Alzira, barafustava, cada vez mais indignada. Juntou-se gente, que comentava o caso. Por fim, Custodio das Dores, levou a queixosa á presença do encarregado da primeira secção, José Augusto, que levantou o respectivo auto e procurou sossegar conforme pôde o nervosismo da queixosa.

A immigração alemã

nos Estados Unidos

NOVA YORK, 27. — O secretario do Interior, Ickes, pronunciou um discurso dizendo que os alemães que venham procurar refugio nos Estados Unidos serão bemvindos. Ickes informou que a Alemanha perdeu cêrca de 400 sabios, artistas e homens de letras nêstes ultimos seis anos. «Esses homens seriam uma gloria para qualquer nação—disse—e é tragico que no seculo vinte, no pleno apogeu do seu genio, eles se vejam compelidos a procurar, com risco da vida, refugio a milhares de quilometros da sua patria. Esses homens viram o que sucede á cultura e a todos os valores sagrados da Civilização, quando se permite que uma inteligencia esteril e brutal derrube direitos de Humanidade. Esses sabios, artistas e homens de letras são os vivos testemunhos duma antiga verdade: o mais poderoso tirano não pode matar a alma do homem. O tirano só representa o espirito inferior do seu pais. Sob a tirania, o que ha de melhor e mais nobre num povo submerge-se ou exila-se».—(Havas).

Caso de fecundidade...

que não passava duma burla

S PAULO, 27.— O caso dos seis gemeos que se dizia terem nascido em Vila Ema, perto desta cidade, teve um destecho ainda mais sensacional de que o proprio nascimento. Trata-se de uma tentativa de burla, cujo autor foi preso. Um individuo chamado Osorio Eleni procurou o director do Departamento de Assistencia a pedir auxilio pecuniario, dizendo que a mulher dera á luz seis filhos. Mobilizados, imediatamente, medicos e enfermeiros e o alto pessoal de Assistencia e Saude Publica, verificou-se que era tudo falso. O intrujão esperava que lhe dessem dinheiro e não contava com as providencias tomadas. —(Americana).

As obras de S. Carlos

A fachada principal do teatro de S. Carlos foi hoje vedada por um tapume de madeira, a-fim-de se dar inicio imediato ás obras que ali vão realizar-se.

MANEIRAS DE ROUBAR

O "conto do vigario"

por correspondencia

está a praticar-se em larga escala

Raro é o dia em que não aparece no Torel um individuo aflito, por vezes com as lagrimas nos olhos, a dizer que está desgraçado e a contar que foi roubado por uma forma inverosimil...

Quando o investigador já é experiente, responde-lhe mais ou menos nestes termos:

—Não perca tempo com divagações... O que lhe aconteceu foi bem diferente do que contou... O melhor é dizer já a verdade... já sei como os factos se passaram: trata-se dum «conto do vigaro»!

Agora, surgiu um novo processo de «conto do vigario»: este é iniciado por meio de correspondencia dirigida a pessoas da provincia tidas como endinheiradas. Algumas dessas cartas dizem, por exemplo:

«Ex.mo Sr.:—Por intermedio dum amigo seu, tive conhecimento do vosso nome, como o duma pessoa a quem um negocio que désse bom lucro não deixaria indiferente. Não sabendo, porém, se V. Ex.ª está ou não disposto a entabular negociações comigo neste sentido, venho rogar-lhe o obséquio de me marcar um ponto onde nos possamos encontrar, de preferencia em Lisboa, para então de viva voz lhe expôr detalhadamente todo o assunto que não explico por emquanto, por ser demasiadamente delicado para mencionar nesta carta. Aguardando as suas rapidas noticias, creia-me muito atento e obg.º—Fernando Dias».

No «post-scriptum» diz-se:

«Como não resido em Lisboa, peço-lhe o favor, caso aqui venha, de me mandar dizer com dois dias de antecedencia, porque podia dar-se o caso de não me encontrar. Pode escrever para (aqui uma morada e um nome). Caso não lhe interesse o assunto, é favor mandar-me dizer, para eu me dirigir a outra pessoa daí. A mercadoria é de grande consumo e enormes lucros».

Tendo chegado, indirectamente, ás nossas mãos, uma carta deste teor, respondemos, em nome da pessoa a quem era dirigida, marcando uma entrevista num café da Baixa de pouco movimento.

Ali estivemos, á hora designada, e verificámos que alguns dos clientes trocavam entre si olhares desconfiados.

Em frente, no passeio, iam e vinham pessoas suspeitas que, de vez em quando, fixavam quem estava dentro do café.

Passou-se o tempo, e, quando já nos dispunhamos a desistir da reportagem, surgiu um homem alto, moreno, impecavelmente vestido, que, depois de relancear os olhos pela sala, deparou com o jornal que combinaramos mostrar ostensivamente e, dirigindo-se á nossa mesa, disse-nos:

—V. Ex.ª espera o sr. Fernando Dias?

—Sim, espero...

—E' que ele só deve chegar da provincia hoje á tarde. Assim que recebi a sua carta mandei-o vir a Lisboa.

—Sabe qual é o negocio que o sr. Dias me deseja propôr?—interrogámos.

—Ele gosta de tratar desses assuntos pessoalmente. Se V. Ex.ª pudesse marcar uma entrevista para esta noite...

—Hoje á noite tenho que fazer. Mas se lhe continua a interessar o negocio que me propôs, que o sr. Dias me escreva novamente.

—Mas não pode marcar novo encontro para esta semana?

—Com muito prazer. Depois de amanhã, á mesma hora de hoje, neste café...

O nosso interlocutor assentiu. E, quando nós nos retirávamos, verificámos que ele olhava, nervoso e desconfiado, as duas portas da sala —como que a cobrir a retirada...

Comparecemos á hora e no dia marcado para a segunda entrevista. Mas, embora esperássemos durante algum tempo, não nos apareceu nem o sr. Dias, nem o seu emissario.

Quando abandonámos o referido café, um amigo perguntou-nos o que faziamos ali:

—Estava á espera de ser burlado... conscientemente...

—Tem graça! Esta manhã, um amigo meu caiu com 50 contos que por acaso não eram dele. Foi já apresentada queixa á Policia que anda na peugada dos vigaristas.

—Como foi isso?

—Começou por uma carta e acabou por uma proposta dum negocio, em troca de 50 contos, que daria mais de 300 de lucro. O meu amigo anda como doido...

Esclareceu-se o misterio da não comparencia dos burlões á entrevista. E nós perdemos esta—mas não perdemos a noticia...

A Policia já conhece a identidade dos vigaristas, que são activamente procurados.

Onze anos na pasta das Finanças

(Continuação da 1.ª pagina)

nheiros Espregueira Mendes e Duarte Pacheco.

No final do almoço, o sr. dr. Oliveira Salazar levantou-se e brindou pelo sr. general Carmona, sendo esta saudação entusiasticamente correspondida, de pé, por todos os presentes.

Alguns minutos depois, o chefe do Governo iniciou um interessante discurso. Começou por brindar pelos seus colaboradores. E, com a maior simplicidade, fez a historia da aquisição daquele palacete, feita com a intenção de salvar um conjunto que podia ser vitima da urbanização, com prejuizo do palacio da Assembleia Nacional. Contou como vive ali. A-pesar do palacete ter sido adquirido para os chefes de governo, não se resignaria a parecer que era um hospede do Estado. Por isso, mandou arranjar divisões no andar superior do edificio, que mobilou á sua custa e onde faz a sua vida propria. Assim, quem lhe suceder na chefia do governo encontrará tudo quanto ao presidente do Conselho foi destinado (moveis, pratas, instalações), porque ele de nada se serve.

—Vivo na minha casa, com as minhas coisas!—acentuou.

O sr. ministro do Interior, em nome de todos os presentes, afirmou que não podia fazer ali um elogio condigno de Salazar e da sua obra, como ninguem ainda tinha conseguido descrevê-lo tal qual é, pois há certas facetas ainda desconhecidas do grande publico.

—Nem os homens que discursam, nem os homens que escrevem—acrescentou—o apresentaram ainda na plenitude das suas qualidades e das suas faculdades, tarefa que é muito dificil quando se trata duma pessoa de tantos predicados.

Terminou bebendo pelo sr. dr. Oliveira Salazar, dizendo desejar-lhe muita saude e que a sua vida se prolongue por muitos anos—a bem da Nação.

Ao café, foram servidos excelentes charutos «Salazar», da fabrica Aurora, de S. Paulo (Brasil), depois do que o chefe do Governo e os seus convidados passearam demoradamente nos formosos jardins.

Homenagens dos jornais espanhois

BURGOS, 27.— Os jornais, por motivo do aniversario da posse do sr. dr. Oliveira Salazar, publicam artigos elogiosos para o chefe do Governo português. — (Havas).

27/4/1939

O Brasil aceitou o convite

para se fazer representar nas festas dos centenarios

RIO DE JANEIRO, 27. — A proposito do convite feito pelo governo português ao do Brasil para que se faça representar nas comemorações centenarias de Portugal, o ministro das Relações Exteriores enviou ao embaixador de Portugal, dr. Nobre de Melo, um oficio, do qual constam as seguintes passagens:

«Em toda a nossa existencia de povo independente, nunca deixámos de dedicar a mais viva afeição ao povo de que descendemos, nem abdicámos do grato direito de participação do patrimonio indestrutivel de serviços á civilização que constituem a epopeia lusitana. Depositarios, no Novo Mundo, dêsse passado de glorias, guardando intactas as altas qualidades portuguesas, desenvolvendo, com elas, uma civilização propria nêste lado do Atlantico, conservamos, como estrutura fundamental na nacionalidade, a raça, a lingua, a religião, as tradições artisticas e literarias, os costumes e o proprio genio de nossos ascendentes de Portugal. Nossa emancipação feita antes a favor do Brasil, que contra Portugal teve a colaboração de portugueses, e essa significativa circunstancia veio criar, entre a nova nação que se constituia e de que ele se desmembrava, vinculos historicos que tornaram sempre inquebrantaveis os laços de sangue preexistentes. A ininterrupta immigração portuguesa permitiu que mantivessemos integros os caracteres fundamentais da nossa formação. E' por tudo isso, sr. embaixador, que estamos tão perto de Portugal e com ele sentimos as justas emoções de confiança e orgulho, ao aproximar-se o ano de 1940. O Brasil irá a Portugal, numa romagem civica e afectiva, a-fim-de ajudá-lo a fazer as honras da casa, no momento em que este festejará os seus oitocentos anos de idade e trezentos de restauração, quando serão prestadas ao grande descobridor de mundos as homenagens que lhe devem os povos civilizados. Todos os corações brasileiros celebrarão como acontecimento proprio e local os gloriosos episodios para cuja comemoração é a nossa presença reclamada em termos tão afectuosos. Aceitando o convite que v. ex.ª me transmitiu, não é só o governo do Brasil que estará presente em Portugal, mas as expressões mais lidimas da nacionalidade.—(United Press).

A venda da quinta

dos marqueses de Pombal, em Oeiras

A proposito da noticia que ontem publicámos sôbre a venda da quinta dos marqueses de Pombal em Oeiras ao sr. Artur Brandão, devidamente informados, devemos esclarecer que o preço da aquisição foi bastante inferior áquele que noticiámos e que uma informação, certamente bem intencionada, nos trouxe.

Dizem-nos que o palacio se encontra, interior e exteriormente, muito deteriorado, e as suas reparações estão orçadas em algumas centenas de contos.

Podemos tambem informar que o comprador tem o proposito de ir residir na casa com sua familia, não tendo feito a operação com fins especulativos.

Marinha Mercante Portuguesa

O «Inharrime» inaugurou as suas carreiras nas costas de Mocambique

LOURENÇO MARQUES, 27. — O novo vapor costeiro «Inharrime», que a Companhia Nacional de Navegação mandou construir em Italia, inaugurou ontem as suas carreiras. A cerimonia oficial teve grande solenidade, assistindo o governador geral da provincia, sr. dr. Nunes de Oliveira; o bispo, sr. D. Teodosio Clemente de Gouveia; entidades oficiais, associações locais e muito povo.

O «Inharrime», que é um barco de belas linhas, tem mil toneladas e acomodações para 800 serviçais e 12 passageiros de 1.ª classe e, como deu nas experiencias a magnifica velocidade de 13 milhas, corresponde inteiramente ás necessidades do tráfego costeiro de Moçambique.

Sob o comando do capitão sr. Gustavo Peixe, o «Inharrime» largou deste porto para Inhambane, saudado do cais pela população e do mar pelas tripulações dos outros barcos.

O governo brasileiro
procura obter creditos em Londres

LONDRES, 27. — O «Financial Times» informa que o Brasil, depois de ter obtido um credito do governo norte- americano no valor de 24 milhões de libras esterlinas, realiza agora diligencias junto do governo britanico para obter um outro credito de maneira a poder desenvolver, rapida e eficientemente, todas as suas imensas riquezas naturais, e acrescenta: «Após a experiencia realizada nos ultimos 15 anos o Brasil perdeu por completo a fé nos banqueiros internacionais e não tem tenções de solicitar-lhes de novo a sua ajuda, pois verificou que nos creditos que obteve, anteriormente, pagou exorbitantes comissões, o que sobrecarregava enormemente o Tesouro brasileiro, asfixiando-o e não permitindo que ele pudesse cumprir, integralmente, os compromissos contraídos. Agora, com a ajuda dos governos dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha, é mais que certo que o Brasil entrará em breve num periodo de grande reconstrução economica e possa solver dentro de pouco tempo todos os seus compromissos da Divida Externa. Sabemos de fonte autorizada que será estudado e assinado um novo acôrdo comercial anglo-brasileiro de maneira a resolver, de uma vez para sempre, o problema que mais aflige o Brasil: o da exportação do seu café». — (United Press).

O horario de trabalho

GENEBRA, 27.—De 56 governos consultados pela Repartição Internacional do Trabalho sobre a convenção para a redução da duração do trabalho na industria, comercio e escritorios, 25 responderam. 7 aceitam as 40 horas; 9 não são hostis, mas actualmente não podem ratificar tal convenção; 9 são contrarios a menos de 48 horas de trabalho.

A RIT, nestas circunstancias, entende que. se a situação não se modificar, seria melhor não reunir a conferencia internacional do trabalho em junho e fazer baixar o assunto ao conselho de administração.

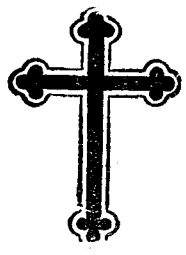
Para os transportes por estrada, os governos são favoraveis a uma regulamentação internacional na base de 8 horas de trabalho por dia e 48 horas por semana. —(Havas).

A divida externa francesa
vai ser paga?

PARIS, 27.—Segundo o «Matin», é provavel que o ministro das Finanças anuncie nos primeiros dias da proxima semana o reembolso da divida externa francesa a curto prazo, que é no valor de 6 biliões de francos.— (Havas).

Um desmentido

PARIS, 27.—Declara-se nos circulos autroizados que a informação de que o Tesouro procederia, brevemente, ao reembolso da divida externa a curto prazo, não corresponde á realidade actual.—((Havas).



Magdalena Rodriguez Arias de Gonzalez

FALECEU

Confortada com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Paquita Gonzalez Felix, Filipe Blanco Felix e filho, Maria Gonzalez Afonso Viana, Alvaro Afonso Viana e filha, Valentim Gonzalez Arias, Daniela Rodriguez Arias (ausente), Lino Rodriguez Arias, cunhados, sobrinhos e mais familia (ausentes), cumprem o doloroso dever de participar o falecimento da sua querida e extremosa mãe, sogra, avó, irmã, cunhada, tia e prima, cujo funeral se realiza amanhã, ás 11 horas, da sua residencia, Rua Braamcamp, 6, r/c., para o cemiterio dos Prazeres, onde ficará depositado em jazigo de familia.

Opiniões da Imprensa

Sobre o serviço obrigatorio em Inglaterra

O «Jour-Echo de Paris» afirma:

«Os ingleses fizeram uma grande coisa. Bonnet pediu a Phipps que transmitisse a Chamberlain a gratidão e as felicitações do governo francês. Os pequenos povos diziam que o exercito francês não tem o dom da ubiquidade. Agora pensam que chegou a ocasião de esperar e se recompôr. A Inglaterra é honesta. Depois de Munich garantiu a Polonia, a Grecia, e a Romenia. Põe-se em condições de honrar a sua assinatura».

O «Matin» declara:

«O entendimento cordial tem agora tambem a sua formula: dois povos, uma fronteira e um exercito».

O «Figaro» escreve:

«Um acontecimento historico. Quando se conjugam as forças de que dispõem as democracias; quando se mede a potencia que detêm, só nos podemos queixar dos jovens excitados, sem experiencia, e dos tolos avantajados que confundiram, durante tanto tempo, as aparencias com as realidades. Na ocasião em que Chamberlain anunciava em Londres a conscrição, Cordell Hull dava em Washington a definição do agressor, singularmente larga e significativa. Nem a França nem a Inglaterra desejam a guerra, mas é preciso que se convençam de que os limites da boa vontade unilateral foram atingidos e não se transpõem impunemente».

O «Populaire» diz:

«Porque é que a conscrição, embora não representando nenhum concurso imediato de força material, aumenta a capacidade de acção do governo inglês para a protecção da solidariedade e da paz? Porque a sua importancia moral e politica simbolisa e ultrapassa a sua importancia material. Porque a Inglaterra com essa medida forneceu um testemunho, sem replica, da sua vontade e decisão».

O «Times» informa:

«A demora desta decisão era derivada ao receio de enfraquecer os nossos preparativos, mudando o sistema no meio da nossa obra. Agora este receio deu lugar á convicção de que a mudança do sistema é indispensavel se queremos honrar as nossas obrigações».

O «Daily Herald» esclarece:

«Temos a conscrição em tempo de paz. Foi introduzida pelo governo e o primeiro ministro prometera não a introduzir. Fizeram-se promessas solenes e repetidas, mas faltaram a elas desvergonhadamente. A colera e o desgosto contra essa falta aos compromissos será profunda, geral e justificada».

O «Daily Express» sugere:

«O governo segue sempre a opinião publica, em vez de a conduzir. Adopta-se agora a conscrição, mas é demasiado tarde. Deveria ter sido adoptada imediatamente depois de Munich ou da tomada de Praga, em vez de se esperar pelo cheque que Henderson sofreu. A medida adoptada é insignificante. Limita-se aos homens de 20 a 21 anos. Dos 310.000 abrangidos só serão chamados este ano 200.000. Serão necessarios 5 anos para formar um exercito de um milhão de homens».

O «Daily Telegraph» anota:

«Seria dificil examinar uma medida de conscrição menos energica ou uma medida que suscitasse as objecções mais desrazoaveis por parte daqueles que exortavam o governo a resistir aos ditadores. A signiifcação das propostas do governo, apoiado pela maioria da opinião publica, não escapará no estrangeiro tanto áqueles que rejubilam com elas como áqueles que fingem desprezá-las».

Sobre as relações anglo-alemãs

O «New York Times» declara:

«A declaração de Chamberlain pode unicamente ser interpretada como um novo e mais firme reforço da politica externa do governo britanico, feito da maneira mais dramatica possivel. Deve parecer evidente—mesmo na Alemanha—que depois de Munich mudou o estado de espirito do povo inglês. O governo de Chamberlain deve provar agora que as democracias sabem, tão bem como as ditaduras, levar até ao fim as suas decisões, sabem evitar desperdicios e a inercia e agir de maneira decisiva em tempo de crise».

O «New York Tribune» diz:

«Aguardamos as repercussões que a nova atitude britanica pode ter no discurso de Hitler. Ninguem sabe exactamente o que pensa Hitler e o seu discurso de amanhã não nos dirá provavelmente nada de novo, mas os acontecimentos da proxima semana poderão ser decisivos».

O «Voelkischer Boebachter» diz:

«A Alemanha não está disposta a aceitar um tratamento que Londres repeliria com indignação, se fôsse usado pela Alemanha perante a Inglaterra. A opinião publica inglesa deve saber isto. Os ingleses dizem muitas vezes que com a Alemanha não há meio de conversar. Têm razão se julgam poder empregar a nosso respeito semelhante tom. A Alemanha não é um protectorado britanico e os ingleses fariam bem se empregassem connosco o tom que é de uso usar com uma grande potencia. Acolhemos sempre as discussões objectivas, mas aquele que quiser medir-se connosco no campo da polemica tem que usar um tom delicado».

Sobre a atitude do Japão

O «Hochi» (japonês) anuncia:

«As decisões da conferencia dos cinco ministros de 25 do corrente relativamente á politica japonesa perante as potencias europeias foram telegrafadas por Arita aos embaixadores niponicos em Berlim, Londres e Moscovo. Trata-se de pedir a opinião desses embaixadores sôbre o texto provisorio do tratado para o reforço do pacto anti-comunista».

O «Miyaki» (japonês) escreve:

«Consta-nos que as decisões japonesas correspondem ás seguintes ideias: 1.º, reforçar o pacto anti-comunista; 2.º, manter no Extremo Oriente uma linha politica autonoma, quaisquer que sejam os acontecimentos internacionais; 3.º, repelir a pressão de terceiras potencias. O Japão não se deixará arrastar para uma guerra europeia».

O «Kokumin» (japonês) critica:

«A diplomacia japonesa joga com um pau de dois bicos. A Inglaterra e a França são adversarios que o Japão não deve poupar, pois a politica que se contenta em utilizar o pacto anti-Komintern unicamente para reforçar o anti-comunismo é desprovida de senso».

Horas certas

Só as tem quem comprar um relogio das marcas mais categorizadas do mundo que vende o Barateiro Pimenta, na rua da Palma, 2, o qual tambem possui o maior sortido em ouro, pratas e joias.

Antonio Joaquim Correia

FALECEU

Sofia Amelia Correia, Joaquim Correia Pinto da Silva e filha e mais familia, participam a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento do seu muito querido marido, irmão, cunhado e tio e que o seu funeral se realiza amanhã, pelas 14 horas, saindo da sua residencia Rua dos Correeiros, 113, 2.º, para o Cemiterio do Alto de S. João.

AGENCIA MAGNO

CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«A vida é assim...».
TRINDADE—A's 21 e 45—«A Fidalga de Arronches».
VARIEDADES—A's 20 e 30 e 23.—«Eh, real!»

CINEMAS

S. LUIS—A's 21 e 15.
TIVOLI—A's 21 e 30.
EDEN-TEATRO — A's 21 e 30
POLITEAMA — A's 21 e 30.
CENTRAL—A's 21 e 15.
CONDES—A's 21 e 30.
ODEON—A's 21 e 15.
CAPITOLIO—A's 21.
CHIADO TERRASSE—A's 21 e 15.
OLIMPIA—Das 14 e 30 ás 0 horas.
PALACIO—A's 21 e 30.
ROYAL—A's 21
JARDIM CINEMA—Domingos e 5.as feiras
SALÃO IDEAL — Rua do Loreto.
REX—A's 21.

Jantar Dançante
no Estoril Palacio Hotel

Amanhã no Palacio Hotel realiza-se este habitual jantar dançante das sextas-feiras.

Vida desportiva

DEPOIMENTOS

O sr. Manuel Luiz Ferreira de Jesus, que reside em Braço de Prata, foi ao Porto vêr o desafio da Constituição. Ficou — segundo nos comunica — no peão, junto á balisa de Soares dos Reis.

E conta-nos como os factos se passaram — exactamente como nós os contámos.

O sr. Antonio Rodrigues dos Santos, correspondente em Lisboa de «A Voz Desportiva» de Coimbra, enviou-nos um artigo interessante em que apéla para a consciencia e o sentimento de justiça do arbitro Henrique Rosa.

Qualquer dêles afigura-se-nos um curioso depoimento. Outros ainda temos em nosso poder. Todavia, não os publicamos.

O Benfica apresentou um protesto. O Conselho Tecnico vai julgá-lo. Não nos parece, portanto, ocasião propicia para revelarmos esses depoimentos. O julgamento da reclamação deve ser liberto de quaisquer pressões...

INICIATIVAS

No campo da Constituição foi distribuido gratuitamente um interessante folheto sôbre o jogo. Pondo de lado o seu aspecto publicitario, é fora de duvida que estamos na presença de uma iniciativa a cultivar.

O folheto continha indicações uteis acêrca do Campeonato Nacional, varias curiosidades desportivas, e as fotografias dos oito concorrentes.

São vulgares as publicações dêste genero, lá fora. Entretanto, trata-se duma iniciativa digna de expansão.

CAMARÃO REGRESSA Á ACTIVIDADE

José Santa (Camarão) teve a sua aura. Verdadeiro idolo, em certo momento, o seu nome deixou depois de ser falado...

O «boxeur» gigante recolheu-se em seguida ao silencio da terra ovarense. Ouvimos mais tarde afirmar que Santa (Camarão) estava incapacitado fisicamente de combater, e que não voltaria ao «ring».

Após um longo intervalo, o popular pugilista vai reaparecer em Vila Franca. Decerto a Federação de Box— organismo desorganizado—tomou as providencias necessarias para que a sessão que se anuncia não seja anti-desportiva...—T. S.

VARIAS NOTICIAS

Festa nas Amoreiras

O 1.º «team» do Benfica será homenageado no proximo domingo, nas Amoreiras. Além de um jogo entre os dois mixtos haverá corridas e outras competições.

O Sporting em Alenquer

O Sporting desloca-se a Alenquer no proximo domingo. A sua categoria da reserva defrontará o grupo da filial do Sporting. Os «leões» exibir-se-ão em gimnastica, e disputar-se-á tambem um desafio de «volley-ball».

Campeonato das Escolas Secundarias

Prosseguem no domingo os campeonatos das escolas secundarias. As provas que se disputam são as seguintes:

Eliminatorias de 150 metros, peso, eliminatorias de 83 metros barreiras, quartos de final de 150 metros, altura, 800 metros, dardo, finais de 150 metros e de 83 metros barreiras.

Serão de Arte, no Sporting

A Comissão de Iniciativa e Propaganda do Sporting Club de Portugal leva a efeito, no salão nobre do clube, um serão dedicado á familia leonina.

Festa no Marvilense

O Marvilense organiza no domingo um festival em honra dos seus ciclistas Seabra Pires e Duarte Sereno. Consta dum encontro de «handball» e dum desafio de «football».

Desafio amigavel

No desafio de «football» efectuado ontem entre os grupos do Café Moderno e do Café Lisboa o primeiro ganhou por 7 a 0.

A' Colonia Espanhola
UMA BOA NOVA

A Carioca Ld.a encarrega-se de enviar para toda a Espanha os seus magnificos cafés e chás em quantidades não superiores a um kilo.

Carioca, L.da R. do Mundo, 9

Funerais e Trasladações
Agencia M. Ferreira dos Santos
RUA DE ARAGIOS, 211 — Telf. 41987
SERVIÇO PERMANENTE

ESTRANGEIRO

PENSÃO BEIRAMAR
Estoril TELEF. 420
Esplendida situação
Serviço esmerado

Concilio plenario da Congregação da Propagação da Fé

CIDADE DO VATICANO, 27. — Começou a reunião anual do Concilio Plenario da Sagrada Congregação da Propagação da Fé. O cardial Fumazoni pronunciou um discurso augurando a todo o mundo «a paz baseada na justiça». Monsenhor Carminatti, secretario da Sagrada Congregação, leu os primeiros relatorios relativos ao ano de 1938, pelos quais se verifica que dez países diminuiram o total das suas colectas a favor das Missões. A Italia aumentou 700 liras.

As ofertas de todo o mundo para as missões ascenderam, em 1938, a 63 milhões de liras, isto é, mais três milhões do que no ano precedente. — (United Press).

A C. G. T. francesa protesta contra as medidas financeiras do governo

PARIS, 27 — A comissão administrativa da C. G. T., que ontem se reuniu, decidiu protestar contra os decretos-leis de abril e ratificar a decisão de não dar ao 1.º de maio o caracter habitual, o que não constituiu, aliás, abandono ou renuencia por parte da classe operaria.

Explosão num hospital polaco

VARSOVIA, 27 — Num hospital de Cracovia deu-se uma grave exposição, de que resultou a morte de três medicos.

Após a guerra de Espanha

Tropas marroquinas em Madrid

MADRID, 27. — Instalaram-se nos antigos Grandes Armazens da Gran Via, que ficaram meio destruidos, as tropas mouras que participarão no desfile da Vitoria em Madrid. Os marroquinos alojam-se nos varios andares e instalaram fogões, onde assam cordeiros inteiros, no que outrora eram as montras. Uma multidão composta de pequenas e rapazes estaciona no local nas horas de refeição e quando os mouros fazem as suas devoções a Allah.—(Havas).

Nomes das ruas madrilenas

MADRID, 27. — A municipalidade decidiu dar ás ruas, avenidas e praças os nomes que tinham antes da proclamação da Republica. Ha, porém, excepções. A «Castellana» chamar-se-á «Avenida do Generalissimo Franco»; a «Gran Via», «José Antonio»; a Praça das Côrtes», «Calvo Sotello»; a «rua Principe Vergara», «General Mola» e a «rua Abascal», «General Sanjurjo».—(Havas).

Festejos populares na capital

MADRID, 27. — Em meados de junho vão organizar-se grandes festas nas ruas de Madrid. Toda a cidade se converterá numa imensa quermesse. Serão os primeiros festejos populares de Madrid desde novembro de 1936.

Imagens da Virgem

MADRID, 27 — Só duas imagens das Virgens espanholas se encontram intactas: a da Virgem de Pilar e a da Virgem da Macarena. A Virgem dos Desamparados de Valencia foi encontrada, mas muito estragada. A Virgem de Murça tambem foi encontrada em mau estado.—(Havas).

Prisões em Barcelona

BARCELONA, 27. — Foi preso José Bon Sala, militante «vermelho», acusado de ter cometido 81 assassinios. Sala confessou os crimes de que o acusam.

Anuncia-se, por outro lado, que se encontram igualmente na prisão as irmãs Paula e Maria Rodriguez, acusadas de terem praticado monstruosidades no convento de Santo Elias.

Monumento em Barcelona

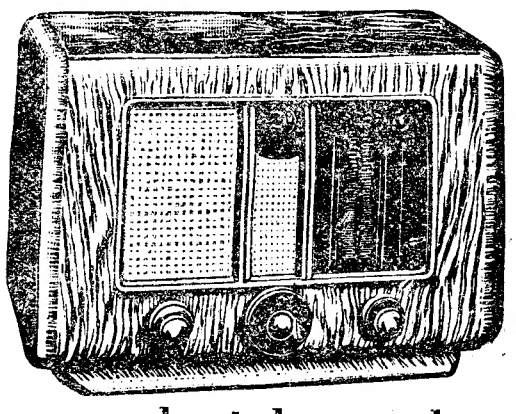
BARCELONA, 27. — A deputação provincial decidiu levantar um monumento aos Mortos por Deus em Espanha, que comemorá os deputados, chefes, oficiais, policias e funcionarios assassinados pelos republicanos. A pedra para a construção do monumento será extraida do ponto mais alto da provincia.—(Havas).

Embaixador na Belgica

BURGOS, 27. — Foi nomeado embaixador da Espanha, em Bruxelas, Eduardo Aunos, que foi ministro do Trabalho durante a ditadura de Primo de Rivera.—(Havas).

CIGARROS 100% VIRGINIA. *Especialmente fabricados para evitar afecções de garganta.*
CARRERAS LTD. LONDRES.

VASELINAS
LIQUIDAS E FILANTES
Sonap
SOC. NAC. DE PETROLEOS
R. Terreiro do Trigo, 52 LISBOA


MINERVA
O aparelho da maxima captação e qualidade musical de som. Dois altos-falantes especiais, para graves e agudos, todas as ondas a partir de 11 metros.
O receptor que traz o Mundo inteiro para sua casa chegou nova remessa.
OLAVO CRUZ, L.DA
AV. DA LIBERDADE, 11-11-A

As dores de cabeça suprimidas ràpidamente!

Tomando Veramon as dores de cabeça desaparecem num momento. Veramon é o calmante de acção imediata, segura e inofensiva, devido à sua composição química, estudada científicamente por meio de inumeras experiências, e comprovada por muitos anos de prática clínica.

Contra dores de cabeça, sirva-se, pois, sempre do Veramon.

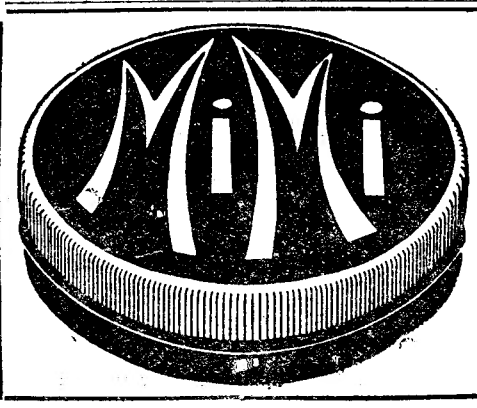
As principais propriedades do Veramon são:
- acção rápida, segura e enérgica
- ser inofensivo
- ausência de efeitos desagradáveis, como seja, sono ou ardores.

Por estas razões, os médicos e dentistas de todo o mundo recomendam freqüentemente o Veramon, que é o calmante preferido por quem sabe apreciar o valor dum medicamento.

Schering VERAMON Schering
Tubos com 10 e 20 compr.

A' venda em toda a parte
Deposito: Pestana Branco & Fernandes Lda. — Lisboa.

MOBILIAS A casa J. Antunes é a primeira em apresentar as mobilias e decorações mais modernas e de gosto artistico, de fabricação perfeita, a preços economicos
VISITEM OS SEUS ARMAZENS
para apreciarem o que de melhor se fabrica em estilos modernos e antigos
D. João V, Renascença, Holandês rico, etc.
135 — RUA CONDE REDONDO — 137



Engraxe só com
MIMI
A melhor pomada para calçado
Peça ao seu habitual fornecedor esta excelente pomada

O MOMENTO INTERNACIONAL

Os Estados Unidos preparam-se para enfrentar a situação

AFIRMA-SE QUE O EMBAIXADOR INGLÊS DEIXARÁ, DE NOVO, BERLIM

ESTÃO REGRESSANDO AOS QUARTEIS UNIDADES MOTORIZADAS ALEMÃS

Actividade diplomatica

A visita do principe Paulo da Yugo-Eslavia a Roma

ROMA, 27.—O «Giornale d'Italia» anuncia que o Principe Paulo de Yugo-Eslavia chega a Roma no dia 10 de maio em visita oficial. Acrescenta que a visita marcará o estabelecimento de novas relações de amizade entre a Italia, a Yugo-Eslavia e outros países balcanicos.

O mesmo jornal anuncia que uma divisão da esquadra italiana, que se encontra agora em aguas albanesas, irá ainda esta semana á Yugo-Eslavia em visita oficial.—(U. P.).

Movimento de diplomatas

PARIS, 27.—Gafenco foi recebido por Bonnet ás 10 horas. A' tarde será recebido por Daladier e Lebrun.—(Havas).

LONDRES, 27.—O ex-embaixador inglês, em Roma, Lord Perth, esteve no «Foreign Office» a conferenciar com Lord Halifax.—(United Press).

ANKARA, 27.—Von Papen chegou ás 9 e 15. Foi cumprimentado por um representante do protocolo, pelo pessoal da embaixada e por uma importante parte da colonia alemã.—(Havas).

Actividade militar

Esquadras no Mediterraneo

GIBRALTAR, 27.—O cruzador alemão «Koeln» chegou ás 10 e 50 a Algeciras, vindo de leste. O «Leipzig» chegou de manhã a Tanger. Chegaram a Ceuta três navios de guerra alemães. O couraçado britanico «Ramilies», de 35.000 toneladas, e os torpedeiros da mesma nacionalidade, «Gallant» e «Active», levantaram ferro esta manhã de Gibraltar e encontram-se actualmente a leste da mesma base.—(Havas).

LONDRES, 27.—O «Daily Express» diz saber que quatro navios de guerra alemães, que fazem parte da esquadra do Reich em aguas espanholas, receberam ordem para ir á ilha de Anno Bom e á Guiné espanhola.—(U. P.).

Os trabalhos de defesa na Holanda

HAIA, 27.—Varios jornalistas holandeses foram autorizados a visitar os trabalhos de cobertura na fronteira. Verificaram que as principais estradas que conduzem ali têm barricadas e que, em muitos pontos, se encontram instalados metralhadoras e canhões. Todas as pontes estão minadas. Dia e noite trabalha-se nas fortificações.—(Havas).

Importantes creditos militares para a defesa do Canadá

OTTAWA, 27.—O primeiro ministro Mackensie Ming, pediu nos Comuns credito no valor de 63 milhões de dolares para a defesa. E' a maior verba votada desde a guerra.

Anunciou uma grande compra de navios á Grã-Bretanha e um acôrdo com a Inglaterra para o treino de pilotos ingleses no Canadá. Indicou finalmente que seria brevemente elevada a 527 a força aerea do Canadá, actualmente composta por 210 aviões.

Foram favoravelmente acolhidas as declarações de Chamberlain, sôbre o serviço militar obrigatorio. Aqui considerava-se aquela medida indispensavel perante os perigos da actual situação internacional.—(Havas).

Exercicios de defesa anti-aerea em Londres

LONDRES, 27.—A's 10 e 30 tocaram na «City» as sereias de alarme contra «raids» aereos. O exercicio durou quatro minutos.—(Havas).

WASHINGTON, 27.—O presidente Roosevelt declarou: «Os Estados Unidos estão a preparar-se activamente para poderem enfrentar as consequencias da actual situação internacional.

O país cooperará com o Canadá e com a America Central e do Sul na defesa continental contra qualquer agressão estrangeira».

Os jornais norte-americanos referindo-se a estas afrmações de Roosevelt acrescentam que o Presidente tinha toda a razão quando, na Conferencia de Lima, preconizava que as nações da America do Sul deviam unir-se e formar um bloco formidavel contra os intentos imperialistas dos nazistas e fascistas. Nos ultimos tempos tem-se verificado que estas ideologias políticas têm feito esforços formidaveis para espalhar as suas ideias nos países sul-americanos e tambem para neles estabelecer grandes celulas militarizadas e dispostas a vibrar os seus golpes quando para isso receberem ordem. Lembram, a proposito, o recente caso do golpe que os nazis da Argentina projectaram na Patagonia.

A Imprensa norte-americana sugere que tanto os Estados Unidos como os países da Amerjoa do Sul deviam proibir, no seu territorio, todas as actividades nazis ou fascistas e castigar rigorosamente aqueles que desrespeitassem a lei.—(United Press).

Henderson vai regressar, de novo, a Londres?

PARIS, 27.—Comentando a entrevista de anteontem entre o embaixador inglês, Henderson, e o conde Weiszaecker, alto funcionario de Wilhelmstrasse, o «Jour-Echo de Paris» afirma que Henderson, tendo perdido definitivamente a esperança de falar brevemente com Hitler ou Ribbentrop, decidirá regressar a Londres para informar o seu governo e pedir-lhe novas instruções.—(Havas).

Tropas alemãs que regressam aos quarteis

PARIS, 27.—O «Matin» diz que pode assegurar que grande numero de unidades motorizadas do exercito alemão que haviam sido concentradas, nos dias 12 e 13 do corrente, nas proximidades da fronteira da França e do Luxemburgo, vindas da Westphalia, Renania e Wurtemberg, estão retirando para os seus quarteis.—(United Press).

O serviço militar em Inglaterra

Antes da meia noite de ontem inscreveram-se muitos recrutas no exercito territorial

LONDRES, 27.—Em consequencia do aviso publicado ontem á tarde, segundo o qual seriam isentos do serviço militar obrigatorio todos os homens que, pelo menos com 20 anos, se alistassem antes da meia noite no exercito territorial, as repartições de recrutamento tiveram que fazer face, durante toda a noite, a uma verdadeira avalanche de recrutas. Como não fôsse suficiente o numero de medicos disponiveis, as autoridades viram-se obrigadas a convocar todos os medicos dos diversos bairros para que colaborassem nas inspecções. Ainda assim são numerosos os individuos que se alistaram antes da meia noite mas que não puderam ser sujeitos á inspecção medica, pelo que se ignora se o seu alistamento será valido.—(Havas).

Como os italianos apreciam as providencias tomadas pela Grã-Bretanha

ROMA, 27.—O «Popolo di Roma» escreve em editorial:

«*Porque é que o imposto de sangue entrou na vida britanica com todas as suas consequencias politicas e economicas? Porque a Grã-Bretanha teima em crer que pode cristalizar situações que se mostraram insustentaveis; que pode deter a historia em marcha, e que pode perpetuar, por uma nova violencia, a situação criada por violencias anteriores. A instituição do serviço militar obrigatorio foi decidida depois de reiterados pedidos da França. No que respeita aos efeitos que a medida adoptada devia produzir na Alemanha e na Italia, bem como nas nações de que Paris e Londres se declararam garantes, os calculos dos governos inglês e francês são nitidamente erroneos e esses governos aperceber-se-ão provavelmente disso mais cedo do que pensam*».

O discurso de Hitler

O que os ingleses supõem que será o discurso de Hitler

LONDRES, 27.—O correspondente do «Times» em Berlim informa: E' possivel que amanhã o Chanceler declare que, em virtude da Inglaterra ter aprovado a conscrição, as bases de acôrdo naval anglo-alemão se encontram abaladas. Deste modo, pode decidir-se a executar a ameaça feita no seu recente discurso em Wilhelmshaven. Todavia, as esferas bem informadas opinam que o discurso será sobretudo de contra-propaganda para consumo interno e externo.

Não se sabe nada em Berlim quanto aos boatos segundo os quais Hitler faria contra-propostas em resposta a Roosevelt. A menos que o Fuehrer levante uma causa precisa de conflito, o discurso deve deixar a situação internacional no mesmo pé em que se encontra. Em Berlim espera-se com interesse o que o Chanceler dirá quanto á questão polaca, pois entende-se aqui que a Polonia se afastou da politica iniciada com o tratado de 1934».—(Havas).

O discurso será ouvido em Dantzig onde foram tomadas medidas especiais

VARSOVIA, 27.—O Senado de Dantzig decidiu que todos os escritorios estejam fechados amanhã durante o discurso de Hitler. A Camara de Comercio de Dantzig deu instruções analogas a todas as empresas comerciais e lojas de venda a retalho. Estas disposições são tomadas para o pessoal ouvir o discurso de Hitler.—(Havas).

Noticias diversas

Declarações do arcebispo de Cantuaria

LONDRES, 27.—O arcebispo de Cantuaria declarou ontem que no cruzeiro que acaba de efectuar pelo Mediterraneo encontrou, em todos os países, o mesmo estado de tensão e ansiedade.

«E' intoleravel—disse—que certos governos pareçam decididos a satisfazer as suas ambições pela força ou pela ameaça, e a manter assim a Europa e o mundo debaixo da impressão da falta de segurança e do espectro da guerra».—(Havas).

Manifestações anti-americanas em Italia

MARSELHA, 27.—O paquete americano, «President Garfield», chegou a este porto, vindo de Genova. Os passageiros americanos declararam que se deram manifestações hostis em Genova, onde os italianos proferiram palavras agressivas contra eles, acompanhando-as de gestos ameaçadores.—(Havas).

Um desmentido hungaro

BUDAPESTE, 27.—A agencia hungara informa que as declarações atribuidas a Teleki por um jornal francês são pura invenção. Acrescenta que Teleki não conhece o jornalista que assinou a pretensa entrevista.—(Havas).

A's 17 horas

O «Repulse» não vai ao Canadá

LONDRES, 27.—O primeiro ministro anunciou nos Comuns que se julgou preferivel conservar o navio de guerra «Repulse» em aguas europeias. Por este motivo, os soberanos britanicos irão ao Canadá no paquete «Empress of Australia».—(Havas).

De Valera decidiu não partir para a America

LONDRES, 27.—De Valera resolveu á ultima hora não partir para os Estados Unidos, atendendo ás circunstancias criadas pela instituição do serviço militar obrigatorio em Inglaterra.—(Havas).

O debate nos Comuns

LONDRES, 27.—Iniciando o debate sôbre o serviço militar obrigatorio, Chamberlain disse ser «de importancia nacional» que a Camara chegue á decisão necessaria para esta questão fundamental.

—A decisão do governo tinha de ser tomada esta semana, a-fim-de vincar bem quanto as propostas do gabinete são independentes do discurso que Hitler vai pronunciar.

O chefe do governo refutou as afirmações de que tivesse faltado a promessas, pois as que fez foi para condições que não têm relação alguma com as de hoje.—(Havas).

NÃO COMPRE SEM VER O
Matford
27/4/1939

O vosso receptor é antiquado? ou funciona mal?
Faça a troca por um famoso
Supersom
Reprodução fiel de todos os sons
Rua da Conceição, 35-1.º

IMPERIUM SALÃO CHÁ
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105 - T. 27527

A Exposição de Arte Sacra

na cidade de Vitoria em que Portugal estará representado

Como oportunamente noticiámos em primeira mão, Portugal fez-se representar na Exposição Internacional de Arte Sacra, que vai realizar-se em Vitoria (Espanha) e na qual comparecerão tambem a Italia, a Alemanha, a França, a Suiça e a Belgica.

A nossa representação, organizada pela Academia Nacional de Belas Artes, a que preside o sr. dr. Reinaldo dos Santos, teve a sua base nos trabalhos da moderna igreja de Nossa Senhora de Fátima. E os catorze caixotes que embarcaram para Espanha no dia 6 do corrente continham, entre outros objectos, um vitral de Almada Negreiros, executado por Leone, cartões e gessos relativos ás estatuas de Francisco Franco e Leopoldo de Almeida, desenhos, fotografias e a «maquette» da igreja, de Pardal Monteiro, fotografias e cartões dos frescos da «Via Sacra», de Henrique Franco, um «Santo Antonio» de Raul Xavier, pinturas de Estrela Faria, etc.

A Semana de Musica Sacra, naquela cidade espanhola, começou ontem e termina no proximo dia 1 de maio, havendo diversos concertos e conferencias.

A Semana de Arte Sacra, na qual figurarão os trabalhos idos de Lisboa, será inaugurada no dia 12 de junho, dissertando-se sobre temas de arquitectura, reconstrução, decoração e elementos complementares do templo. As conferencias de formação liturgica versarão sobre diferentes pontos historicos e o ensino da liturgia.

O encerramento da Exposição — que é promovida pelo governo espanhol — realiza-se no dia 19 de junho, com uma conferencia sobre as peregrinações a Santiago de Compostela e com um acto solene que se celebrará com motivo das festividades da Virgem Branca.

Noticias de Santarem

O estado vergonhoso dalguns predios

SANTAREM, 27.—Muitos têm sido, como já temos dito nas colunas do «Diario de Lisboa», os serviços prestados ao concelho pela Camara Municipal; mas isso não nos impede de chamarmos a sua atenção para o estado vergonhoso em que se encontram, exteriormente, alguns predios da cidade. Bom seria que os respectivos senhorios fossem obrigados a mandá-los beneficiar e pintar, evitando assim que a capital do Ribatejo seja tida como terra das menos cuidadas em materia de higiene.

Como Santarem deve ser abrangida pelas festas comemorativas do duplo centenario, parecia-nos de toda a oportunidade que se começasse, desde já, a tornar-se mais aceada e a embelezar-se, de forma a não termos que ouvir lamentar esta desculpa muito portuguesa: não houve tempo.

Contamos com o costumado bom senso do sr. presidente da Camara.

Encerramento geral aos domingos

Foi solicitada ao Instituto Nacional do Trabalho, nesta cidade, pelos proprietarios das farmacias, drogarias e lojas de ferragens, autorização para encerramento, aos domingos, dos respectivos estabelecimentos.

Atendendo ao que se dá com outros estabelecimentos, é de esperar que tal petição seja deferida.

Aproveitando aquele ensejo, o sr. dr. Carlos Fagulha, ilustre delegado daquele departamento do Estado, que ao assunto tem dispensado o melhor da sua atenção e equidade, poderá determinar o encerramento geral aos domingos, acabando assim com anomalias.

O concurso dos sonhos

A primeira página do «Sempre Fixe» de hoje é dedicada, por Francisco Valença, ao concurso dos sonhos, do nosso prezado colega «O Seculo», inserindo caricaturas excelentes de Mimon Anahory, Esculapio, Stuart Carvalhais e Antonio Boto.

A página grafica de Botelho «Ecos da Semana» é esplendida. Intitula-se: «O rag-time» tal qual se dança nos clubes do bairro dos pretos em Harlem—e no pinoca «Cotton- Club» de Nova York».

A restante colaboração artistica deste numero—que publica, na sua página desportiva «Rebola a bola», prosa e versos engraçadissimos sobre o desafio do Porto—é de Amarelhe, Stuart Carvalhais, Fernando Bordallo e Zé da Bola.

DR. ALBINO PACHECO
R. Nova da Trindade, 9
Telf. 2 7023

Dr. Miguel de Magalhães
Monitor da clinica de Necerk — Paris
RINS, vias urinarias — Venero — Sifilis
T. Nova de S. Domingos, 9, 1.º, ás 15 hora
TELEFONE 2 9062

Quinta-feira

por Norberto de Araujo

"Que ha?"

O colaborador de O Seculo, *que assina* M. *a secção de «Questões Sociais», assinalava ontem com tanto espirito quanta elegancia no dizer que os portugueses têm dois vesos: o de querer saber tudo e o de saber e informar tudo.*

Não ha ninguem que se dispense de preguntar «o que se passa», e esse mesmo interrogador acaba em regra por fornecer um mundo de noticias, á compita com o seu companheiro que ainda sabe mais e melhor.

E' assim mesmo, e é simplesmente adoravel.

Conheci, de perto, ministros em todas as situações desde que me fiz jornalista. Raro era aquele que quando eu surgia—eu, ou qualquer outro cidadão da urbe politica e jornalistica—não requeria imediatamente noticias; sucedia apenas que, ao contrario do cidadão vulgar, não informava cousa alguma senão do que directamente lhe interessava.

No governo actual ha um ministro, por tal sinal dos mais antigos no lugar, e dos mais ilustres, que a primeira frase que desfecha mal um se aproxima—eu, por exemplo—é esta:

—Então que ha?

Claro que não ha nada. A's vezes ha uma blague; *entre a fantasia e a* blague *vou por esta: é inofensiva e, em regra, não tem graça nenhuma, o que sobremodo a recomenda.*

Ora a cousa está em saber se este veso, se este habito, se este vicio, se esta pecha —é apenas dos portugueses.

Sinceramente, embora patrioticamente isso me custe, declaro que não é apenas costume dos portugueses. O que sucede é que nós interrogamos de outra maneira, temos mais exuberancia, pômos mais calor na transmissão do noticiario, e arranjamos titulos maiores. Como cada pessoa tem a faculdade, que a lei lhe não coibe, de contrariar o corpo ou o fundo da informação, ou de saber mais e mais beber do fino—o dialogo faz-se sabatina, e aí temos um mais um á esquina ou ao amparo de um candeeiro a redigirem um Times *para raros apenas.*

Adoravel.

Porque sucede isto. Ora aqui é que a cousa se veste de certa austeridade e admite mesmo um ar de seriedade convincente.

E' da lei humana que mais se pregunta quanto menos se sabe ao certo; nos paises onde se diz tudo nada se pregunta, para não se perder o tempo. Esta razão, porém, é apenas oportunista e pode até parecer tendenciosa. Por outro lado pode querer que já se saiba tudo, e, assim, é sem fundamento a minha razão.

A causa distante, a origem remota deste veso—tão acentuado nos portugueses, chegando a um volume de justa caricatura—está na nossa propria indole, num jeito ancestral que não é o comum a todos os povos, e que de todos os modos nos honra.

—Que ha?

A duvida na vitoria das empresas, a incerteza no resultado das aventuras, a ansiedade pelo conhecimento das novas vindas de longe—tudo isto envolto na bruma do sonho e no misterio da concepção—, já desde o alvorecer do seculo XV nos dava o direito de interrogar:

—Que ha?

Sim; para onde vão tantas galés e fustes? Porque anda tão açodado o capitão da frota? Para que reune tanta vez o Conselho em Torres Vedras?

E logo um informava: «Fernão Fogaça vai de embaixador ao duque de Holanda reclamar contra a pirataria dos holandeses no mar». E outro acrescentava: «Já o sei, e para garantir o exito desta empresa o Rei enche o Tejo de navios aparelhados».

—Mas que ha?

As naus tomaram para o sul; a Holanda é a norte.

Era—Ceuta.

—E que ha?

Ha ano e meio que partiu do surgidouro a frota para a India, e novas não chegam... Vieram cartas de Albuquerque—que dizem?...

O Rei se partiu para o Alentejo e a Rainha para Santarem—que ha?

E que sabeis vós de Africa, pois Paio Mendo trouxe novas de que o Senhor Rei se ficou á cutilada nos areais da mourama?

—Que ha?

O duque D. João se passou a hora, onde se levantou o grito contra o castelhano... Pois que ha dos holandeses no Brasil? Sabeis vós que... Ora vos digo que a Rainha Maria Isabel Francisca se recolheu ao Mosteiro da Esperança...

—Que ha?

Foi-se pouco a pouco perdendo o habito de olhar a barra do Tejo á espera das naus de longe. As preocupações internas substituiram os cuidados das expedições. Não havia mais mundo para descobertas.

A frase ficara estereotipada no habito de interrogar. Vieram as lutas intestinas, e não se deixou mais de frequentar, e informar, e saber tudo. Cada cidadão—foi um Pina Manique.

E veio o liberalismo, e as sedições, a Republica e os pronunciamentos; veio a guerra.

Que ha?

E veio tudo isto, por esse mundo além das nossas fronteiras, e a gente sabe tudo e quere saber alguma cousa.

Temos uma missão a cumprir: informarmo-nos; temos uma obrigação imperativa: divulgar; temos um destino, que corresponde a uma agitação salutar e a um pensamento renovador: saber.

Adoravel!

—Que ha?

Ai do povo que não se interroga nem interroga.

Fantasias? Ah!

A formula de cumprir o nosso destino —essa sim, que é portuguesa. Inventamos mundos e descobrimos a nossa continuação para além da faixa ocidental da peninsula, que era pouco.

—Que ha para além do Bojador?

Esta pregunta foi uma obcecação do Infante de Sagres. Contraverteu-se; de pensamentos altos caiu em mesquinhos anseios. Mas a frase ficou no costume.

«Que ha»—é expressão que só incomodaria quem não quisesse que se saiba o que ha.

Deixem-nos preguntar á vontade, que «preguntar não ofende».

Fantasias desfazem-nas as realidades, atoardas são pulverizadas pelos factos positivos, as mentiras sucumbem ao fulgor das verdades. Por aí, podemos estar todos tranquilos.

Pois amigos—ao cabo vocês me preguntem: a-final, tanto discorreste e nada nos disseste. «Vamos ao que importa: que ha?».

Ha que o artigo de M.—*ao começo desta palestra citado—é de facto uma prenda de observação critica e simpatica—que nem sequer teve o proposito de querer endireitar o mundo—, e que depois do artigo ter sido lido, relido, saboreado e entendido, se vê que* M. *cumpre a-final o seu fado de português, e que tudo aquilo é ainda uma informação tranquilizadora, que ele estava mortinho por nos dar:*

—Pois não ha nada, meninos. Vocês é que são tontos. Não ha nada, digo-lhes eu. Mas já agora, e a proposito (desvia M., *enfiado na loba de um destino que ele tem de seguir), digam-me vocês que andam pela rua: «que ha?».*

NORBERTO DE ARAUJO

Escola de defesa passiva

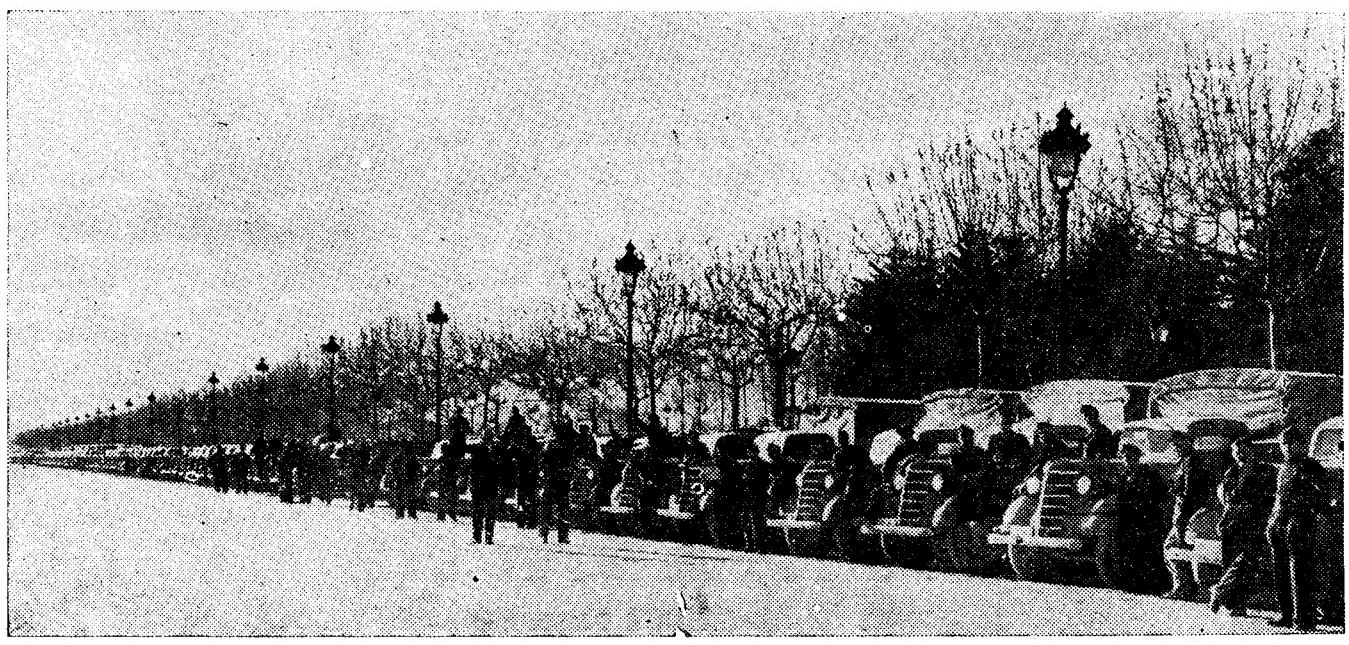
contra gases

Hoje, ás 21 e 30, realiza-se na Escola de defesa passiva contra gases—que funciona na Associação dos Bombeiros Voluntarios da Ajuda (2.ª secção)—a prmeira aula pratica do curso destinado a bombeiros, constando de escaladas e montagem de material de incendios com mascara colocada.

A referida escola resolveu intensificar a sua acção, criando um curso pratico, de curta duração, no qual serão ministrados conhecimentos sôbre os meios de ataque e defesa e colocação das mascaras. As aulas funcionarão em dias alternados, das 21 ás 22 horas, durante duas semanas.

Caramelos «CONFIANÇA»
Os unicos nacionais. Um produto da Fabrica de Bolachas e Biscoitos «Confiança». Peçam esta especialidade. A' venda em toda a parte. Quilo 28$00.

O reabastecimento de Barcelona e Madrid



Logo que conquistou as duas principais cidades espanholas, o generalissimo Franco tratou, antes de mais nada, de dar alimentos ás populações famintas. Para isso, serviu-se duma coluna de 500 camiões "Chevrolet", que a fotografia reproduz á entrada da ponte de San Sebastian, em Barcelona

MUNDANISMO

ANIVERSARIOS

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Brígida de Sousa Gomes Osorio de Alarcão, D. Arcelina Valente Moreira (Taboeira), D. Caridade de Goyri O'Neill, D. Maria Silvino Tasso, D. Maria Adelaide da Cunha de Eça e Costa do Amaral, D. Mariana do Carmo Mayer, D. Maria José de Tavares e Tavora.

NASCIMENTOS

Deu á luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Alice Amarylis Fraga Lamares Pereira da Silva, esposa do sr. Arnaldo Amadeu Pereira da Silva. Mãi e filha estão, felizmente, bem.

BAPTIZADOS

Celebrou-se na paroquial igreja de S. Sebastião da Pedreira o baptizado do menino Rui Manuel, gentil filhinho da sr.ª D. Maria Teresa de Campos Henriques Machado da Cruz e do sr. Rui Machado da Cruz.

Serviram de madrinha, sua avó paterna, sr.ª D. Palmira Machado da Cruz, e de padrinho, o avô materno, engenheiro sr. Artur Alberto Meireles de Campos Henriques.

CASAMENTOS

Presidido pelo irmão do noivo, reverendo José Maria de Oliveira, acolitado pelo reverendo João Ferreira de Castro, celebrou-se, no Santuario de Nossa Senhora de Fatima, o casamento da sr.ª D. Maria Rosa Pereira de Freitas com o sr. Joaquim José de Oliveira.

Serviram de padrinhos a sr.ª D. Rosa Pinho Maia e o sr. Rufino Pinho Maia.

Finda a cerimonia, foi servido um magnifico almôço. Os noivos seguiram para o sul do país, aonde vão passar a «lua de mel».

—Pela sr.ª condessa de Nova Gôa foi pedida em casamento para seu filho sr. D. Duarte Manuel a sr.ª D. Mariana Rita do Vale e Sousa de Menéres Mexia, gentilissima filha da sr.ª D. Ana do Vale e Sousa de Menéres Mexia. A cerimonia do casamento deve realizar-se muito em breve na capela da Quinta de Santa Ana do Guerreiro, da casa Vale (Tomar).

—Na igreja matriz de Cascais, realizou-se o casamento da sr.ª D. Maria Benedita da Silveira Garcês da Costa Campos, gentilissima filha da sr.ª D. Maria José da Silveira Couto Leitão da Costa Campos e do sr. capitão Luiz da Costa Campos, com o sr. engenheiro Miguel de Ataide Malafaya Palma de Vilhena, filho da sr.ª D. Maria dos Prazeres de Ataide Malafaia Palma de Vilhena e do sr. dr. Francisco Palma de Vilhena.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus tios a sr.ª D. Maria Isabel Charters da Silveira Leitão e dr. João da Silveira Sousa Leitão, e por parte do noivo sua tia a sr.ª D. Ludovina Vaz Guedes de Ataide Pereira Pinto, representada pela irmã do noivo sr.ª D. Maria Claudina de Ataide de Malafaia Palma de Vilhena, e o sr. dr. Augusto Segurado de Castro. Celebrou o acto religioso, tendo proferido um eloquente discurso, o reverendo dr. Augusto de Araujo, havendo missa acompanhada de orgão, que foi primorosamente tocado pelo reverendo Alves, reitor do Seminario.

Em seguida ao acto religioso, foi servido na encantadora residencia dos pais da noiva, em Cascais, um delicioso lanche, tendo sido duma cativante amabilidade os donos da casa.

A CARIDADE

No Cinema Odeon

Por falecimento do pai do sr. arcebispo de Mitilene foi adiada para o proximo dia 10 de maio a «matinée» de caridade que devia ter-se efectuado ontem no Odeon, promovida por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade a favor da L. O. C. Feminina.

O programa é o mesmo e os restantes bilhetes podem ser pedidos para qualquer senhora da comissão ou para a sede daquele organismo.

DIPLOMATAS

Regressou da Noruega e Dinamarca, onde exerceu o cargo de ministro de Portugal, o sr. dr. Ferreira de Almeida.

NA COSTA DO SOL

No Estoril Palacio Hotel

Como de costume ás sextas-feiras, realiza-se amanhã mais um elegante «jantar á americana» no Estoril Palacio Hotel. Para o jantar de amanhã já estão marcadas muitas mesas.

FESTAS ELEGANTES

No Turf-Club

E' esta noite que se realiza no aristocratico Turf-Club o baile que está a ser aguardado com o maior interesse.

Estamos certos de que a festa de esta noite, no Turf-Club, será a mais animada e elegante desta epoca.

NO CLUB BRASILEIRO

Amanhã de tarde haverá novas partidas de «bridge» e «mah-jong» nas salas do Club Brasileiro e que, ás quintas-feiras, tão elegantemente têm sido concorridas.

Para a de amanhã sabemos já estarem reservadas muitas mesas por pessoas da nossa primeira sociedade.

EM VIAGEM

Regressou ao Porto o sr. Juvencio Salgado Zenha.

—Regressou de Italia a sr.ª D. Noemia Alves Machado.

—Tambem regressou de Italia a sr.ª D. Maria Alice Fernandes.

—Encontra-se no Porto, com sua esposa, sr.ª D. Raquel de Avilez de Sousa Coutinho, o sr. Antonio de Serpa Coutinho.

—Partiu para Madrid, com sua gentil filha D. Maria del Milagro, o sr. D. Arturo Horta Vasques.

—De Paris regressou o sr. João Menezes de Campos.

—Regressou á sua casa no norte a sr.ª D. Belmira Adelaide S. Machado Cabral.

—Partiu para a Ilha do Principe o sr. dr. João de Sousa Santos.

—Regressou á sua quinta do Mocho, perto de Santarem, com sua esposa, sr.ª D. Maria Ester de Magalhães Zarco da Camara, o sr. D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara (Ribeira Grande).

—Acompanhado de sua gentil filha D. Maria Luiza, regressou do Porto o sr. dr. Ricardo de Almeida Pacheco.

DOENTES

Tem estado doente na sua residencia em Sintra o sr. D. Alberto de Velasco y Méra, que se encontra já um pouco melhor.

LANCHES PARA CASAMENTOS
CONFEITARIA NACIONAL
Rua da Betesga, n.os 59 a 65

Aux Mille Parures
ESPECIALIDADE EM ENXOVAIS PARA NOIVAS
Tecidos e rendas de novidade
47 — P. Restauradores

Dr. Bastos Gonçalves
Calçada da Estrela, n.º 129-r/c

Semana da Tuberculose

Realizou-se a ultima grande reunião das senhoras que tomarão a seu cargo dirigir a venda do emblema da A. N. T. em Lisboa, durante a IX Semana da Tuberculose.

A esta realização deram o seu alto patrocinio os srs. ministros do Interior e da Educação Nacional e bispos de varias dioceses. Estes recomendaram aos seus párocos a leitura, aos fieis, de maximas e conselhos com o fim de difundir, nos meios rurais, noções elementares de higiene, cuja pratica não é incompativel com a pobreza.

Celebrar-se-ão palestras de propaganda nos liceus de Lisboa e em todas as terras da provincia onde a A. N. T. possue dispensarios, e designadamente nos meios industriais, nas fabricas e oficinas.

Quanto ao que diz respeito aos donativos angariados, destina-se o produto obtido em Lisboa a coadjuvar a manutenção dos Sanatorios, e as quantias obtidas nas localidades onde já existem Dispensarios em funções auxiliar a sua manutenção e um melhor apetrechamento.

Onde a A. N. T. tem já prontos a inaugurar novos Dispensarios, procurar-se-á obter donativos que permitam abri-los ao publico, dentro do mais curto praso de tempo.

A série começará, naturalmente, pelos concelhos que maior interesse manifestarem pela campanha anti-tuberculose que vai ser levada a efeito.

A *Feira do Rossio* está destinada a um grande sucesso; mas para isso, roga a A. N. T. aos seus protectores o favor de não deixarem as suas ofertas para os ultimos dias, o que ocasionará um escusado excesso de trabalho e, consequentemente, deficiencias na respectiva organização.

Éco'e Française de Lisbonne

Amicale des Anciens Élèves

É convocada uma Reunião Geral Extraordinária para o dia 6 de maio próximo, ás 21 horas, no Instituto Francês em Portugal, Rua de Santos-o-Velho, n.º 11.

Lisboa, 27 de Abril de 1939.

Pela Comissão de Direcção
O Presidante
V. L. Peyssonneau.

V. Ex. deseja comprar um arreio de cavalaria ou qualquer dos seus pertences? Visite a melhor correaria de Lisboa, onde encontrará o mais variado sortido deste artigo, assim como tambem de freios, esporas, ribos e polainas.

Victorino de Sousa, Ld.ª—Rua dos Correeiros, 202 LISBOA.

O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril—Caminho de ferro.

¿arece novo!
Brilho... Colorido
pintado a DUCO

Dê ao seu carro o mesmo colorido e aparência de quando o comprou. DUCO é inalterável à acção do tempo, é impermeável à água e conserva ao carro, durante anos, uma linda aparência. DUCO não tem substituto.

DUPONT DUCO

BETHENCOURT BROS, LTD.
Rua Áurea, 132-138 — LISBOA
SORIA LTD.
Rua Sá da Bandeira 214-216—PORTO
HAVAS

HAVAS

NO STAND OPEL DE
DINIZ DE ALMEIDA & FREITAS, L.DA
AVENIDA DA LIBERDADE, 214
LISBOA

Vida artistica

Salão da Primavera

A direcção da Sociedade Nacional de Belas Artes, com o intuito de permitir que as classes populares e os estudantes possam visitar o salão da Primavera, resolveu que no proximo sabado, dia 29, a entrada seja gratuita.

A exposição continua a ser muito visitada, tendo-se já realizado numerosas vendas. Velhos e novos, de escolas diferentes, lado a lado, em franca e leal camaradagem, formam um dos conjuntos mais notaveis que se têm verificado em certames deste genero. Pelo exito obtido com o Salão da Primavera, a direcção da S. N. B. A. tem sido muito cumprimentada.

V Salão do Estoril

Patrocinada pela Sociedade Nacional de Belas Artes, realiza a Sociedade de Propaganda da Costa do Sol, no Casino do Estoril, uma exposição de pintura, aguarela e desenho.

As obras destinadas á exposição devem ser entregues na Sociedade Nacional de Belas Artes até ao dia 2 de maio, e os boletins até amanhã, 28.

Cada expositor não poderá ocupar mais de dois metros quadrados de parede e o numero de trabalhos não deve ser superior a três.

II Salão de Lourenço Marques

Sob o patrocinio da Sociedade Nacional de Belas Artes, o Nucleo de Arte da Colonia de Moçambique realizará, este ano, de 20 de junho a 20 de julho, uma exposição de pintura, aguarela, desenho e escultura. Todas as despesas de transporte, embalagem e seguros correm por conta do nucleo organizador da exposição.

Os artistas que pretenderem enviar obras para o II Salão de Lourenço Marques devem dirigir-se á secretaria da Sociedade Nacional de Belas Artes.

Em oficio dirigido ao presidente da Sociedade Nacional de Belas Artes, o nucleo de Arte da Colonia de Moçambique informa de que já adquiriu os terrenos necessarios para a construção de «ateliers» destinados aos artistas nacionais.

Exposição de Artes e Industrias
da Beneficencia Particular

Com o desejo de que o publico conheça os trabalhos executados pelos pupilos das diversas instituições de beneficencia particular, o sr. governador civil de Lisboa organizou uma comissão composta por pessoas das direcções de algumas casas de beneficencia, que, depois de vencer varias dificuldades, conseguiu encontrar uma casa propria para esse fim num dos pontos mais centrais da cidade, ou seja na Avenida da Liberdade, n.º 242.

Essa exposição será inaugurada no proximo sabado, 29, com a presença do sr. Presidente da Republica e de sua esposa, que se dignam assistir a esse acto, bem como diversas entidades oficiais que para esse fim foram convidadas.

No local da exposição será vendido um catalogo, contendo o indice alfabetico das casas expositoras.

Organização corporativa
No Gremio dos Droguistas

Hoje, pelas 21 e 30, realiza-se, na séde do Gremio Distrital dos Droguistas de Lisboa, na praça do Comercio, 7, 2.º, E., a cerimonia da transferencia de poderes da sua comissão organizadora para os corpos gerentes eleitos para o biennio 1939-1940. Foram convidados o sr. sub-secretario de Estado das Corporações e Previdencia Social, direcções de diversos gremios e sindicatos, etc.

Garcilaso de la Vega

Encerrou-se a Exposição Bibliografica das obras do historiador Garcilaso de la Vega, levada a efeito nas salas da Biblioteca Nacional e que foi muito visitada.

Almoço de «Os Carlos»

No proximo dia 29, realiza-se, na rua da Conceição da Gloria, n.º 21, o 2.º jantar trimestral de «Os Carlos», para o qual fecha hoje a inscrição.

Quere V. Ex.ª
adquirir
um receptor
Lorenz, Pilot, R. C. A., ou Philips?
ou candeeiros, ferros de engomar e fogões electricos a prestações?
Dirija-se a
ELECTRO-LISBOA, L.DA
248, Rua Augusta — Tel. 2 0568
Reparações em aparelhos de Radio, todas as marcas

MUSICA

Wilhelm Kempff

Aprecio as primeiras audições, sem duvida; e dou especial importancia á musica moderna,—verdadeira e sinceramente moderna, entendamo-nos. Porém, eis um program excelente, sem primeira audição, e ainda menos sem musica moderna.

É que a Sonata op. 111 de Beethoven (a ultima que o imortal surdo escreveu) contém uma riqueza e uma originalidade pouco exploradas ainda; é limpa de quaisquer passagens, por infimas que elas sejam, que não seja ditada pela emoção, que não tenha significação. Escrita ha mais de cem anos, ainda deixa o publico surpreendido, sem perceber bem a qualidade de fantasia de semelhante obra, profunda, absolutamente genial, escrita numa forma adequada a si propria e ao mesmo tempo equilibrada segundo as leis implacaveis pelas quais o universo existe, com detalhes de escrita pianistica que serão um legado inesgotavel para os sucessores de Beethoven. Pouco tocada pelos nossos artistas, não me recorda tê-la ouvido a nenhuma das celebridades estrangeiras que nos visitam com assiduidade. A honra fica para Wilhelm Kempff e para a Sociedade de Concertos.

E foi simplesmente magistral, sublime, Wilhelm Kempff, tal a sua comunhão com o genio Beethoveniano, essa intensidade de vida que resume e porventura realiza num momento as mais loucas aspirações dos homens mais dignos da sua condição. E' dificil descer a detalhes. Sempre direi que na tecnica poderosa de Wilhelm Kempff, a qualidade do som é de uma beleza inalteravel na sua grande variedade; e a fluencia do discurso musical equivale á fluencia da linguagem falada na sua maior impecabilidade e subtileza.

O publico entusiasmou-se, decerto, mas não tanto como lhe tinha ficado bem. (E pior lhe fica ainda ter tanta tosse, mesmo que não tenha culpa). O seu maior entusiasmo, reservou-o para as «Cenas Infantis» de Schumann, de resto tocadas por Kempff com infinita poesia, para o Intermezzo (op. 117 n.º 1) e a Rapsodia (op. 119 n.º 4) de Brahms, e para as peças extra-programa que Kempff nos ofereceu, brincando, aparte o Impromptu de Chopin, que não é positivamente uma brincadeira.

Na primeira parte do programa, a musicalidade e a personalidade de Wilhelm Kempff evidenciaram-se logo na soberba interpretação da Toccata e Fuga em sol menor de Bach, na Sonata em sol menor de Scarlatti-Tansig (um pouco de Tansig a mais, talvez), e em dois corais de Bach, arranjo de Kempff, que me pareceu respeitador do texto e da intenção.

Hoje, Concerto de Kempff, com a Orquestra da E. N.

Academia dos Amadores de Musica

Cremos que esta Academia foi unica a dar uma participação musical á Semana das Colonias. E fê-lo por fórma a deixar bem colocados todos os que colaboraram nela, a começar pelo director artistico da Academia dos Amadores de Musica, o prof. Tomaz Borba, a quem se deve a colheita das peças de folclore colonial apresentadas nesta participação e os comentarios que as acompanharam.

Ha que distinguir nêstes cantos os que são de origem africana e os de origem asiatica—que não serão os mais interessantes, como o provam Mandó Goense e o Mandó de Macau, da colecção cantada com esmero, boa dição e afinação por Celeste Mota. Mas seria injusto recusar muito caracter, primitivo embora, ás três canções dos landins de Moçambique, sobretudo o «Ghela, Ghela». Estas três canções, a duas e três vozes, foram cantadas por um côro feminino de alunas do liceu de D. Filipa de Lencastre, com segurança e afinação, pelo que merecem elogios as professoras D. Sara de Sousa e D. Ilda Carneiro.

Já a Rapsodia de Cantos Caboverdeanos, tocada pela orquestra sob a regencia de Fernando Cabral, não tem esse belo caracter. Colocanos em face do outro aspecto da musica popular: a paixão—ou seja o fundo de emoção primitiva ou requintada, resignada ou rebelde, é substituida por simples elementos de diversão.

Num intervalo, subiu ao palco o tenente-coronel Costa Junior, que agradeceu em nome da Sociedade de Geografia o concurso da Academia dos Amadores de Musica, com palavras de elogio para a obra do prof. Tomaz Borba.

Duas canções africanas tambem cantadas por um côro masculino e uma interessante dissertação sôbre os costumes de Angola por uma aluna do Liceu de D. Filipa de Lencastre completaram o programa.

Concerto Viana da Mota

O segundo concerto com orquestra no São Luiz, dos três com que concluirá a Historia da Evolução da Musica de piano, tinha por fim, segundo os comentarios de Viana da Mota, «*preencher a lacuna que o primeiro programa deixou latente entre Bach e Liszt*».

Isso era um facto. E para preencher a lacuna, Mozart, Beethoven e Brahms, na interpretação de Viana da Mota e de Pedro de Freitas Branco com a Orquestra Sinfonica da Emissora, tinham ainda a vantagem, que fica para nós a mais clara, de formarem um bom programa.

O V Concerto de Beethoven e o II Concerto de Brahms são obras em que o proprio Viana da Mota conheceu já os maiores triunfos. O que poderia acrescentar-se agora para enriquecer ou completar as apreciações feitas no tempo devido? Que o Andante de Beethoven nos aparece inalteravel na sua altitude, que o ritmo do Rondó assim arcado pela orquestra nos arrebatou a todos, que o ultimo Andamento do Concerto de Brahms é uma lição de bom humor luminoso, ainda mais convincente porque é dado por um autor de indole romantica, quanto a mim? Isto são pormenores apenas, que aqui ficam, sem pretensão.

O primeiro andamento do Concerto n.º 9 de Mozart é que, a despeito dos curiosos pormenores de contextura notados nos comentarios de Viana da Mota, não é do melhor Mozart. Não é crime, por ser verdade, dizer que em Mozart tambem acontece haver *formulas*, «remplissages», enfim passagens que poderiam ser substituidas sem prejuizo do verdadeiro conteudo da obra. O Andantino e o Rondó são muito melhores quanto ás cadencias escritas por Busoni expressamente, para Viana da Mota, são obra de um autor sério e sabedor, o que já é muito. Como interpretação, seria suspeita a sinceridade de quem colocasse este concerto de Mozart a par do que foi dito sôbre os concertos de Brahms e de Beethoven, em que a grandiosidade e a religiosa emoção de Viana da Mota ficarão inesqueciveis. Aquele sorriso, aquela frescura, aquela maleabilidade, quasi feminina, que personificam o Mozart não dramatico não foram sancionados pelos interpretes desta noite, de um modo geral. Mas, diga-se depressa que a inteligencia musical não podia estar ausente, e que a graça sempre visitou o Minuete intercalado no Rondó.

FRANCINE BENOIT

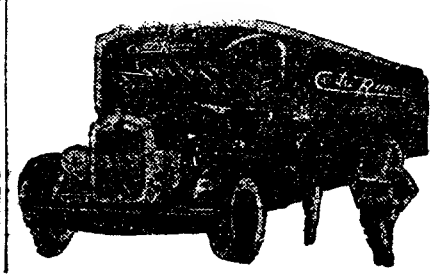
Ciclo de Festivais Corais Sinfonicos, no Coliseu

Com um «Festival Coral-Sinfonico Russo» inaugura-se na noite de 1 de maio, segunda-feira, no Coliseu dos Recreios, o «Ciclo de Concertos Populares» promovido pela «Orquestra Filarmonica de Lisboa» e pela «Sociedade Coral de Duarte Lobo», sob a direcção do dr. Ivo Cruz. De acôrdo com a direcção do Coliseu, os preços serão populares, isto é, muito reduzidos, com o fim de dar maior expansão cultural a estes festivais. O programa do primeiro concerto inclue obras de Borodine, Rimsky-Korsakoff e Moussorgsky, para côro mixto a 4 vozes com solistas e massa orquestral sinfonica num total de centenas de executantes. Uma das obras mais interessantes do programa é a cantata de Moussorgsky: «A Derrota do Senwschérito», grande fresco coral-sinfonico que nunca foi apresentado em Portugal, e que tem por assunto um episodio da antiga historia do Oriente.

No segundo festival, que se realiza no dia seguinte, 2 de maio, o programa consta de peças de Bach, Boccherini, Wagner, etc.

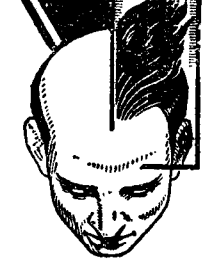
Além de um «Motivo Lusitano», do dr. Ivo Cruz, intitulado: «Nessa manhã de nevoeiro...», executado a pedido de numerosos admiradores do director do O. F. L., o programa apresenta no lugar de honra a obra-prima de Bruckner, dedicado ao rei da Baviera Luiz II: a VII Sinfonia, composta sob o pressentimento do proximo fim de Wagner, e que por isso é conhecida por «Sinfonia do Presagio».

Estes notaveis festivais não serão retransmitidos pela T. S. F.



TRANSPORTES COSTA RAMOS
Domicilio a Domicilio
Unico concessionario da carreira entre Lisboa e Porto. Transportes para todo o pais. Carros especiais para mobilias.
PORTO — R. Guerra Junqueiro, 7 — Telef. 15061-15062
LISBOA — R. S. Julião, 34, 36 — Telef. 27200

O seu cabelo precisa de



Silvikrine
ALIMENTO BIOLÓGICO DO CABELO
Elimina a caspa dum dia para o outro, evita a queda do cabelo, estimula-lhe o crescimento e dá-lhe brilho, saúde e vigor
Recorra hoje mesmo a
Silvikrine
fertilisa o coiro cabeludo
A' venda em todos os bons estabelecimentos
Representantes em Portugal
Laboratórios Silvikrine
Campo 28 de Maio — LISBOA
PO-400-K

Excursão de estudantes
da Universidade de Coimbra

OLIVEIRA DE FRADES, 25 — De visita á regiao de Lafões, chegou a esta vila um numeroso grupo de quintanistas do curso de Direito da Universidade de Coimbra, entre os quais viuha o nosso patricio dr. Celso Cruzeiro.

Chegados a praça Luiz Bandeira, onde se encontrava muito povo, com a banda dos Bombeiros, organizou-se um cortejo que se dirigiu á Camara Municipal, onde o respectivo presidente, dr. Americo Maia, lhes deu as boas vindas e lhes testemunhou o seu reconhecimento pela visita.

Agradeceu o estudante dr. Gabriel Trindade, que salientou as belezas desta região

Seguiu-se o almoço em casa do dr. Celso Cruzeiro e um jantar, em Santa Cruz de Trofa, em casa do estudante dr. Teixeira.

Depois regressaram a esta vila, onde lhes foi oferecido um baile

Noticias de Viseu

VISEU, 25—Na Torredeita realizou-se a chamada romaria do Senhor do Padrão, com numerosa concorrencia das povoações limitrofes. De Viseu para aquela localidade organizaram-se dois comboios especiais, sendo enorme a concorrencia, a-pesar das festas citadinas a que fizemos referencia.

Vão adiantadas as negociações entre a Camara Municipal de Viseu e as aldeias vizinhas para a montagem da rêde electrica urbana.

Ao que nos informam, os srs. dr. Nogueira Martins e capitão Mota garantiram ás freguesias de Orgens S. Cipriano e Torredeita que antes do fim do ano civil estariam iluminadas.

Reina grande entusiasmo entre as povoações interessadas e que com elevado espirito de bairrismo subscrevem para as despesas de comparticipação da Camara.

Credor feroz

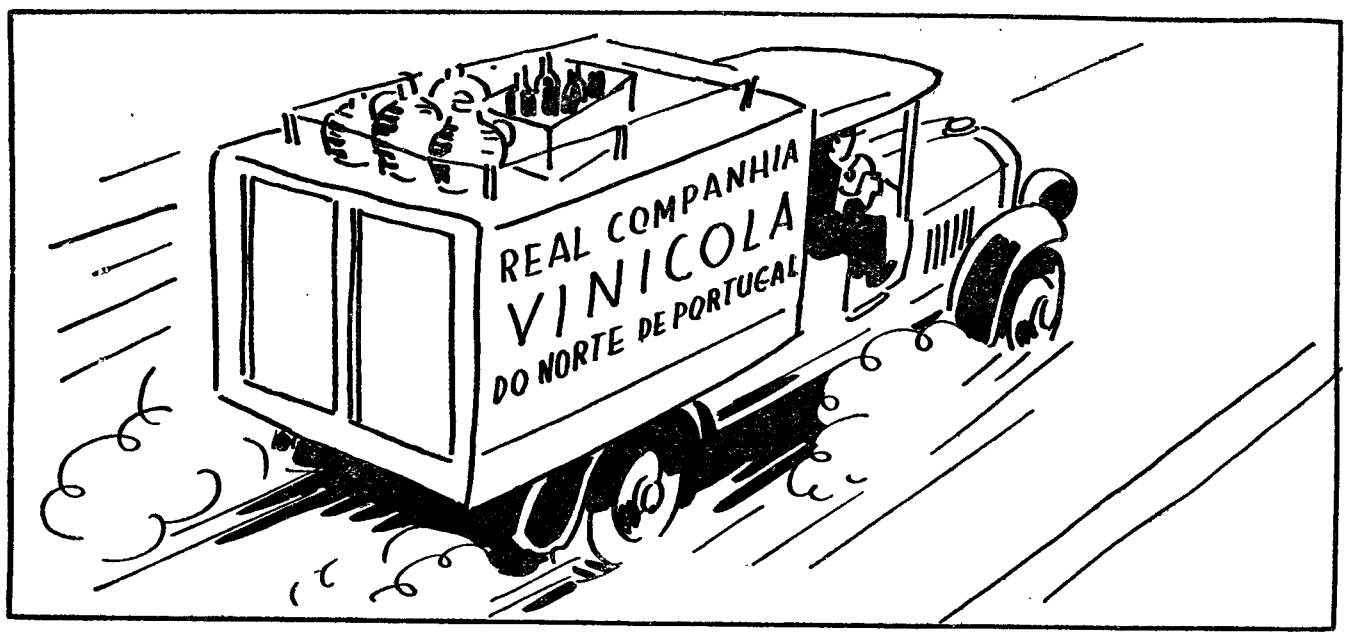
SEIXAS DO MINHO, 25 - Na freguesia de Gondarém, concelho de Cerveira, registou-se uma agressão barbara por questões de dinheiro

Parece que Antonio de Sousadevia dinheiro a Americo Malheiro, ambos daquela freguesia. O devedor foi esperado á noite e agredido de forma tão barbara, que apareceu estendido no chão a deitar sangue pela boca. Aponta-se como presumivel autor da agressão o credor. O estado do ferido é gravissimo, pelo que teve de recolher ao hospital de Vila Nova da Cerveira, onde foi radiografado. Consta que tem algumas costelas fracturadas.

Liga dos melhoramentos de Algés

No proximo domingo, as 16 horas, realiza-se, na Liga dos melhoramentos de Algés, uma homenagem póstuma ao falecido socio sr. José Julio Nunes de Carvalho, que constará dum concerto por um quinteto feminino, dirigido pela professora sr.ª D. Eugenia Cresno, duma sessão solene e da inauguração dum retrato do falecido.

BICICLETAS
Grande baixa de preços
Pneus MICHELIN
ARMANDO CRESPO
116 — Rua Crucifixo — 124
Telefone: 2 7027



Vinhos de mesa, do Porto, quinados, espumantes naturais, aguardentes, vermutes e vinagres. Vinhos da Madeira, «Gomes», «Whisky», Benmore». — Encontram se à venda em todos os bonsestabelecimentos e na Filial, Rua do Alecrim, 117. — Telef. 2 2556. — Distribuição aos domicilios.

PRODUCTOS MYSTIK

O encanto natural da mulher não se completa apenas com uma bonita toilette, um penteado chic ou um lindo sorriso!... Estes factores são primordiais para a sua maneira de ser distinta, porém, na escolha de um bom produto de beleza, reside muitas vezes o encanto que torna a mulher atraente e lhe empresta, por assim dizer, um aroma de juventude tão pouco para despresar...

Experimente a nossa serie de luxo MYSTIK.

Academia Scientifica de Belleza

Os nossos productos encontram-se á venda nas boas casas, ou enviam-se contra reembolso para as localidades que os não tenham.

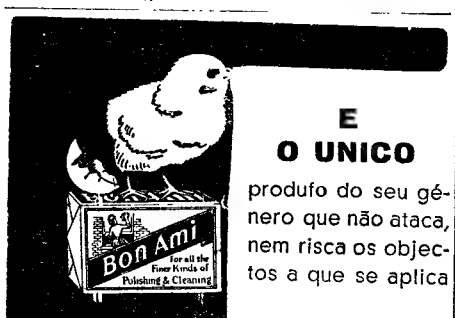
Bôlbo Capilar

Restitui cabelos aos calvos. suspende a queda do cabelo, cura radical da caspa. E' ao mesmo tempo um requintado produto de toucador perfume inebriante e persistente, da brilho e fixa. dispensa brilhantinas. aos que pintam o cabelo. Anula o efeito nocivo do nitrato de prata, aplicado após a pintura, tornando o cabelo sedoso e brilhante. Frasco. embalagem de luxo c$250 gr. para mais dum mês, 17$50,

A' venda na Sociedade Industrial Farmaceutica Rossio, 31 e 38, nas boas farmacias e em todas as drograrias da Baixa.

Telef. 46526 NOVA CUTIS

O creme de dia, e o de noite empregado simultaneamente, constitui o melhor tratamento contra as rugas.



E
O UNICO
produto do seu género que não ataca, nem risca os objectos a que se aplica

Bon Ami

PARTEIRA
ESPECIALIZADA
R. Augusta, 275, 4.º Telef. 2 9607
Partos, tratamentos. Consultas gratis
BASILISA PEDROSA

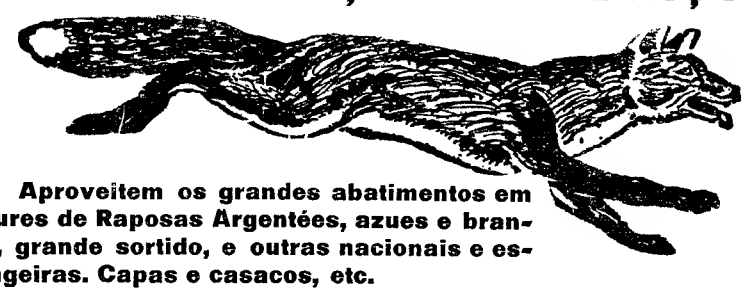
Carreiras de Camionetes da C. P.

entre Lisboa e Portimão, via Barreiro, Alcacer do Sal, S. Tiago do Cacem, Odemira.

PARTIDAS DE PORTIMÃO		PARTIDAS DE BARREIRO	
Partidas de Portimão	8,15	Partidas de Lisboa I. P.	7,35
» » Lagos	9,00	» » Barreiro	8,15
» » Bensafrim	9,20	» » Moita	8,30
» » Aljezur	9,55	» » Palmela	8,50
» » Odeceixe	10,20	» » Setubal	9,10
» » Odemira	11,05	» » Aguas de Moura	9,50
» » S. Luiz	11,30	» » Alcacer do Sal	10.45
» » Cercal do Alentejo	11,50	» » Grandola	11.25
» » S. I Cacem (almoço)	13.25	» » S. I. Cacem (almoço)	12,55
» » Grandola	14,20	» » Cercal do Alentejo	13,55
» » Alcacer do Sal	15.00	» » S. Luiz	14,10
» » Aguas de Moura	15,45	» » Odemira	14,40
» » Setubal	16,30	» » Odeceixe	15,20
» » Palmela	16,45	» » Aljezur	15,45
» » Moita	17.05	» » Bensafrim	16,20
Chegada a Barreiro	17,20	» » Lagos	16,45
» » Lisboa T. P.	18.00	Chegada a Portimão	17,25

SERVIÇO RAPIDO E CONFORTAVEL — **Embarque e desembarque nas Estações do Terreiro do Paço e Barreiro Mar** — **O trajecto pela via fluvial é feito pelos magnificos barcos da C. P.**

FIM DE ESTAÇÃO E BALANÇO



Aproveitem os grandes abatimentos em parures de Raposas Argentées, azues e brancas, grande sortido, e outras nacionais e estrangeiras. Capas e casacos, etc.

PELARIA CONFIANÇA
Rua da Palma, 3 — Telef. 28157 — Casa de peleiro (fabricante)

ESTORIL

Casa vende-se

A 300 metros da estação com todas as comodidades modernas, ampla garage, jardim, quintal, etc. Tratar na mesma, Parque Estoril Rua Melo e Sousa, Chalet Maria Manoela. Tel. 203. Tambem informa Lino, banheiro, ou o chefe do Caminho de Ferro.

PENSÃO ASTÓRIA
Rua Braamcamp, 10
Instalações modernas
Magnifico serviço de mesa
Diarias desde 18$00 — Telef. 4 4800

Atum em Azeite?!
PURO DE OLIVEIRA
Só TENORIO...
Recomendavel tambem aos debilitados

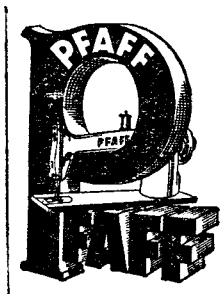
O «Diario de Lisboa» vende-se no Estoril — Caminho de ferro.

com
ANHAR

DISTRIBUIDORES EM PORTUGAL:
AIRES DE CARVALHO, L.DA
Rua José Falcão, 177 - PÔRTO — Telef. 7732

PASTAS
e CARTEIRAS
Fabricante Rua Madalena, 97-s/loja

PFAFF



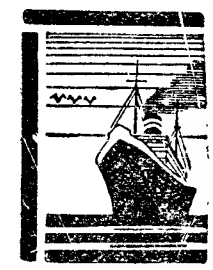
Maquina Universal Pfaff; cose, borda, faz ponto Zig-Zag, caseia e prega bordões. Sempre em exposição os últimos modêlos. Peças, agulhas, óleo, lampadas e motores Pfaff. Ensino gratuito de bordados.

Santos & Araujo, Ltd.ª
49 — RUA GARRETT (CHIADO) 51

NÃO CONFUNDIR

A UNICA BOQUILHA EFICAZ!
Repr. Victor Chaskelmann & C.ª
Rua da Palma. 268—Lisboa

TAMARIZ
ESTORIL
Mariscos, Aperitivos, Refrescos e Chás
Aprazivel recinto com divertimentos, para creancas



COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

CARREIRA DE CABO VERDE E GUINÉ

PAQUETE

GUINE'

sairá no proximo dia 10 de Maio, pelas 12 horas, recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Vicente, Praia, Dakar, Bissau e Bolama

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: Este vapor recebe carga até as 12 horas do dia 8 e desta data até as 20 horas do dia 9 com o aumento de 20 0|0 e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

CARREIRA RAPIDA DA COSTA OCIDENTAL E ORIENTAL

PAQUETE

João Belo

saira no proximo dia 13 de Maio, pelas 12 horas, recebendo carga e passageiros para

Funchal, S. Tomé, Pointe Noire, Sazaire, Luanda, Porto Amboim, Lobito. Mossamedes, Cape Town, Lourenço Marques, Beira e Moçambique e para os demais portos da Costa Ocidental e Oriental, sujeito a baldeação.

AVISO AOS SRS. CARREGADORES: — Este vapor recebe carga até as 20 horas do dia 9 e desta data ate as 20 horas do dia 12, com o aumento de 20 % e sujeitas as ordens de embarque ao visto do Conselho de Tarifas.

Para tratar

LISBOA — Rua do Instituto Vergilio Machado, 14
Telefone 2 0052

PORTO — Rua do Infante D. Henrique, n.º 9
Telefone 2342

Diario de Lisbôa
Suplemento literario

DIRECTOR: JOAQUIM MANSO—PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRÁFICA
Redacção, Composição e Impressão: Rua Luz Soriano, 44, LISBOA — Telefone 20271

Do Diario de José Maria

O homem, a paisagem e um pregão

De Ramada Curto

Ha dias em que não me interessa a paisagem, não me diz nada, não consegue entrar em comunicação comigo. Vem-me a certeza de que o mundo é sempre igual, sempre monotonamente o mesmo—e sempre tão indiferente á minha pessoa, como a mim me são indiferentes os gelos do Polo ou as areias escaldante do Saharâ. Eu ainda posso ter simpatia pelos esquimós, ou pelas focas que se deixam chacinar em massa pelos caçadores. Posso pensar que deve ser horrivel a sêde dos camelos no deserto, sob o horror da luz oftalmica, queimando como acido sulfurico.

Mas, gelos e areias, se eu lá fôsse, continuavam indiferentes, a gelar-me ou a queimar-me. Chego a compreender aqueles escritores, em cuja obra não ha um traço de paisagem, um apontamento sobre a Natureza, a sombra duma arvore. A Natureza parece-me uma imensa *blague* — antipatica, pela sua indiferença e pela sua insensibilidade.

Um amigo levou-me a passear com ele de automovel, aproveitando dois dias feriados. «Vais ver—disse-me ele—os lindos sitios onde te vou levar». E levou-me a locais de «Guia pitoresco», a ver arvores, planicies, serras e horizontes. Fui. Pois permaneci tambem indiferente e fechado como um cofre forte. Arvores tenho visto muitas. Ao longo das estradas poeirentas estou cansado de ver oliveiras tristes, choupos curvados, eucaliptos solenes, sobreirais cinzentos e feios, pinheiros e outras «especies florestais» — como diria um botanico. Vi tudo com olhos que não simpatisavam.

Valados com piteiras? — que me importa! Caminhos rusticos cortando terras de vinha, muros de pedra solta, grandes longes cenograficos, cordas de serras no horizonte—tudo isso me deixou indiferente. Sentia-me hostil para com o mundo que se ia desdobrando a meus olhos, —igual, repetido, já visto. A Natureza pagava a minha melancolia mal disposta. E pensava que, em toda a minha vida, o que fôra que ela me tinha dado e o que é que eu lhe devia?

Nada. Tem-me torrado com os calores violentos, sufocantes, de julho e agosto. Tem-me enregelado com os frios rigorosos do Inverno.

Estou farto de vêr o colcar dos montes e colinas, as cordilheiras, os horizontes largos de planicie e de mar, as arvores torcidas á beira das estradas, os verdes escuros e os verdes tenros dos olivais, das searas, dos vinhedos. Tem-me sufocado com poeira, salpicado de lama, encharcado de chuva. Nunca fez caso de mim. Se estou triste, ela ri. Se estou contente e me apetece a solidariedade do ceu — o ceu cobre-se de nuvens negras, ameaçadoras, que se desatam em diluvios brutais ou em chuviscos impertinentes, trocistas, que parecem rir-se da minha pequenez desprotegida — e da minha antipatia pelos «guarda-chuvas». E não me venham dizer que, se não fôsse ela, eu não vivia.

Não me sustento de hervas bravas e raizes. Se não fôsse o esfôrço humano não era ela, expontaneamente, que me dava o pão, o azeite, o vinho, tudo aquilo que o braço do Homem lhe arrancou, com doloroso esfôrço. Já me sucedeu deitar-me debaixo dum pinheiro, á beira dum caminho, e acordar, em sobressalto, porque uma pinha se desprendeu dos ramos altos, e me veio cair em cima, não me partindo a cabeça por bem pouco. E depois esta minha viagem fez-se em dois dias esplendidos quasi de verão, debaixo dum ceu muito azul, sem uma nuvem. Ora eu detesto os ceus que não têm nuvens. Parecem-me desertos. As nuvens movem-se, tomam formas imprevistas, variam de colorido, parecem viver. Gosto do ceu «pedrado», com «cirrus» brancos, ou das grandes massas de nuvens escuras, que correm diante do vento...

Nas minhas reflexões pessimistas — acusava a Natureza de falta de originalidade, de fantasia, de imprevisto. São sempre as mesmas combinações, os mesmos aspectos, os mesmos arranjos. Só a vida humana, a presença do homem — uma casita entre arvores, um fumo que sobe dum tecto de aldeia, o som dum sino triste na quebrada dum vale — consegue dar significado á sua bruteza e á sua indiferença. Dizem que o espectaculo do ceu, numa noite estrelada é duma intensa espiritualidade. Pois sim, historias! O que é bela é a interpretação que lhe dá o nosso olhar ansioso, a nossa aspiração insatisfeita, a nossa melancolia. O mais belo luar de janeiro ou agosto, não vale nada ao pé dos acordes de Beethoven, na sonata celebre. Foi o génio que lhe deu a ressonancia de orgão, o murmurio de litania religiosa, a castidade, a pureza, as sincopes de silencio e de misterio, que nos elevam da terra. Por si só, aquilo não tem significação. E' uma luz que não aquece, o clarão dum grande incendio a reflectir-se num espelho, baço e distante. A poeira de astros da Via-Lactea, as estrelas lucilantes, irisadas de cores, pupilas tremulas — verde esmeralda, oiro fôsco, rubro cendrado, — sou eu, sou eu José Maria, professor livre de matematica e ciencias naturais, que galgo num relampago a infinita distancia que me separa dessa confusão, desse amalgama de horrores e que com a minha ansiedade dolorosa, transformo aquilo em doces confidentes da minha alma, que não tem com quem desabafar. Distancias infinitas, inconcebiveis horrores de fogo e lama, desolações de treva e gelo, só a minha sensibilidade de pobre diabo melancolico, aqui, do meu quintalorio da rua da Palmeira é capaz de as espiritualizar. Venus, aquela Venus a que Wolfram, no Tanhauser, dirige a sua volata de amor, é uma monstruosidade ardente e desolada.

«Atendi tu, belo astro incantatore»..., diz o bardo, no silencio da noite, fazendo vibrar a harpa. E é então que Venus vive e brilha e *é* alguma coisa. Eu queria ver se não fôsse o génio de Wagner o que valia o astro celebre!

Começo eu proprio a sorrir da minha mal-humorada diatribe contra a Natureza. Mas, na verdade, o Homem refaz a criação. Transforma a sua ferocidade em gentileza. Da lua, mundo feio e morto, faz uma inspiradora de doces lirismos.

Os cães, pobres bichos bondosos que não sabem falar, ladram-lhe e uivam-lhe — de tristeza. Sabe-se lá o que um cão pensa olhando a lua? Em todo o caso, o pobre animal é capaz de lhe ladrar, de se tentar pôr em comunicação com ela.

Pelo contrario, ela continua indiferente, algida, fria, redonda como um queijo e com a mesma espiritualidade dos «rabaçaes» ou dos «da ilha». A paisagem, o ceu, tudo afinal—é apenas o homem E' ele que lhe dá sentido e o faz existir. O Universo é um estado d'alma. O olhar doce dos bois, olhando ao pôr-do-sol, nos longes da lezíria, á tarde, quando o horizonte é todo sangue e oiro, vale mais do que o sombrio Saturno ou o desmedido Jupiter, nas profundidades do abismo insondavel.

Dizem-me que o Universo se dilata, como um balão de *football*, que se enche. E' possivel. Eu acredito nessas coisas sob *a fé dos padrinhos*. Em relação á Ciencia que não conheço e que, hoje, não é á medida humana, eu estou na mesma posição daqueles que acreditam—sob a palavra de honra dos entendidos. No fundo é como nas religiões. Hoje, para mim, não ha grande diferença entre o Moisés, da Revelação e o Einstein, da Ciencia. A ambos eu responderia, se me interrogassem: «sim, senhor, V.ª Ex.ª que o diz é porque lá tem as suas razões». Pois, se é certo que o Universo se dilata, não me sai da cabeça que o faz, á procura dum Espirito que o interprete, que lhe dê um sentido, que o faça existir. Essas brutalidades cosmicas procuram quem as faça viver. A Materia está cansada de estar só.

Finda a minha digressão por quilometros de estrada, da Beira aos confins do Alentejo, desde as neves da Estrela aos «barros» de Beja, voltei á minha casa da rua da Palmeira — e reconciliei-me com a paisagem. Ah! Como eu a sinto, áquela, — que vejo ha trinta anos! O meu rio, tão lindo, a minha Basilica da Estrela, tão branca e elegante, recortando-se no ceu, o muro velho dos meus pombos, a acacia florida do meu jardim! Tudo aquilo é a «minha paisagem» — tenho-a embebido de alma, de emoção, de alegria, de lagrimas, ha trinta e tantos anos. E ela está-me agradecida, porque procura revestir-se, em cada dia da minha vida que passa, dum encanto, perpetuamente renovado mas perpetuamente o mesmo.

Parece que me disse:

— Olá, bemvindo! Cá estamos, amigo...

Deitei-me sobre a cama, em mangas de camisa, a tentar uma sesta, porque vinha cansado do automovel, da velocidade, dos infindaveis quilometros. Era uma tarde de domingo, ao lusco fusco. Eu sinto quando as tardes são de domingo. Não se parecem com as outras tardes. Cerrei os olhos e comecei a ouvir, aproximando-se cada vez mais, a distancia a principio, espaçado, em intervalos regulares, um pregão duma voz de mulher, pouco estridente, como um grito meigo e triste.

Sorri, adormecendo. E' a velhinha dos domingos, que passa, apregoando tremoço saloio. Só vende, só apregoa aos domingos. E' magra, de ano para ano mais cansada e sumida. Veste uma saia preta, um lenço preto, caminha curvada para o chão, com o seu alguidar pequeno onde leva tremoços, pevides, amendoim. Dá um gritinho de vez em quando,—uma especie de queixa rapida, timida, muito triste. Não vende nada, nunca vendeu nada, estou bem certo.

Durante muito tempo não percebi o que ela dizia com o seu gritinho rapido, como que timido, a intervalos regulares. Foi preciso pôr-me á janela a esperá-la, para a ouvir de perto, para entender o que ela dizia. E percebi. O que ela diz no seu pregão rapido e triste, de ano para ano mais fraquinho, porque está mais velha, —a saia preta mais poida, o lenço a tomar tons esverdeados, — é isto:

— O' tremoço saloio!

Muito rapido, muito rapido, — parece que com mêdo de que, um dia, alguem lhe compre alguma coisa.

Lá vai a velhinha do tremoço! Sorri — mas tinha os olhos molhados. Ha vinte anos, pelo menos, que te oiço, a esta hora, só aos domingos, velha que não vendes nada, da tua mercadoria pobrezinha.

... Quantos mais anos te ouvirei? Quem *desistirá* primeiro?...

Pregão humilde — como tu dizes mais da Vida, de que todas as paisagens que acabo de ver!

RAMADA CURTO

ESTE SUPLEMENTO NAO PODE SER VENDIDO EM SEPARADO

Bibliografia

Os meninos diabolicos, de Jean Cocteau.

Este livro estranho, duma poesia bizarra, por vezes desvairado, onde palpita todo o sonho, toda a febre, toda a exaltação da mocidade nas suas crises dolorosas de instinto, e tambem de idealismo, teve, quando ha anos foi publicado em França, uma profunda repercussão. Chegou-se até a supôr que marcava o inicio de uma escola, de tal maneira o seu tipo literario, verdadeiramente singular, rejuvenescia o romance contemporaneo. Lêmo-lo, então, considerando que era necessario traduzi-lo para por-

JEAN COCTEAU

tuguês. Mas o tempo passou e «Les enfants terribles» foi esquecido. Felizmente que essa «terrivel» lacuna foi agora preenchida. Mas antes tarde do que nunca. Jean Cocteau não é, apenas, um poeta, é um ser duma delicadeza e misteriosa complexidade psiquica, que transmite ao que escreve, ás almas que toca, um fremito como que doentio. Ha, sobretudo, porém, que vêr como ele notula as «atmosferas». Nunca esquecemos aquele quarto de Montmartre, onde as luzes dos reclamos se reflectem, verdes, azues, brancas, cegantes, numa cruciante e tragica vigilia. O conflito é admiravel. A realidade e o fantastico cruzam-se no mesmo plano, em incidentes duma bela intensidade dramatica. Traduziu e prefaciou este belo romance, padrão da literatura moderna, o sr. dr. João Gaspar Simões *(Editorial Inquerito).*

Ora vai, vai, de J. Silva Bastos.

E' um livro de quadras, no gosto popular, muito sentido, com rimas faceis e expontaneas, que dizem da inspiração vibrante do autor. Silva Bastos não é um desconhecido. Nos Jogos Florais da Primavera, obteve o primeiro premio de honra, e varias menções honrosas noutras competencias, assás concorridas. Ao acaso, transcrevemos:

Amor ingrato—não deve
ser assim teu coração:
és como as bolas de neve
quando se apertam na mão.

Quem casa com viuvinha
de marido acervo e mau,
têm um manjar de sardinha
que lhe sabe a carapau.

Sósinha, não tens futuro.
A hera para trepar,
precisa dum tronco ou muro
a que se possa amparar.

Admiravel de simplicdade, não acham? Supomos ter feito o melhor elogio do poeta, dando uma amostra, embora exigua, das suas encantadoras e expressivas quadras, filigranas de amor e lirismo da alma popular.

Victor Cordon, por Albino Lapa.

O nosso distinto colaborador Albino Lapa publicou agora uma relevante biografia sôbre Vitor Cordon, famoso colonialista, cuja obra e fastos andavam um pouco esquecidos, na projecção imperial portuguesa. E' uma obra séria de investigador que sabe eliminar as datas e os registos de mera historia, para nos dar, em vibração, a alma e o caracter duma das mais belas figuras da nossa epopeia em terras de Africa.

Albino Lapa conta-nos coisas muito curiosas, que ele foi arrancar aos arquivos poeirentos, num estilo vivo e penetrante, de belo toque literario. (Publicação da Agencia Geral das Colonias, com ilustrações da época).

IRONIAS AMARGAS

Os filósofos da cidade dos mortos

Quem percorrer as «cidades dos mortos» encontrará as mesmas expressões que definem a mentalidade dos homens e os caracterizam, nos simbolismos que encimam os mausoleus, nas legendas e epitafios que perpétuam nomes e ostentam titulos nobiliarquicos.

Através dos aglomerados de jazigos sumptuosos que formam, como nas cidades dos vivos, as grandes avenidas da gente de tom, ou nos arruamentos de ar simples onde florescem rosas silvestres, palidas de saudade, e as sardinheiras estalam de côr, ao jeito dos arruamentos modestos do burgo lisboeta, descobrem-se pormenores que facilmente elucidam acêrca da personalidade de quantos ali dormem o sono eterno.

Tal como nas cidades onde a vida trepidante agita multidões que se atropelam na luta ingente de cada dia, nos cemiterios cada qual tem o seu meio proprio, o local adequado ás suas possibilidades que define personagens e as posições que ocuparam na escala dos valores convencionais.

Para além dos lugares murados áqueles que, na vida, disfrutaram de situação distinta, há o recinto imenso destinado aos individuos que constituiram a multidão anonima. Um mar de cruzes e simples letreiros que o tempo apaga depressa.

Há reputações que perduram e celebridades que o esquecimento, pouco depois, aniquila.

Na «vala comum», então, nem uma efemera lembrança assinala qualquer dos que para ali são atirados. Naquele fôsso de podridão, amontoam-se farrapos humanos; são restos de vidas que se extinguiram antes da morte as ter feito desaparecer do mundo, corpos que não tiveram almas e, apenas, cumpriram um triste destino!

Desses que passaram na vida como sombras de desventura, condenados ao olvido eterno, escusado será buscar-lhes o rastro.

Na «vala comum», não é possivel identificar qualquer destroço humano, mesmo que ali tenham baqueado herois, martires e santos!

Ali é o esquecimento perpetuo; um abismo de sombras, a escuridão a cobrir de misterio despojos de infelizes que não deixaram saudades em ninguem.

Mas lá para o meio da «cidade dos mortos», o drama e a comédia, como na cena da vida, continuam. E é no labirinto das ruas ealamedas onde os mausoléus imponentes e os ciprestes alinham em perspectivas de solenidade funebre que se ostentam as simbolicas expressões de enternecedora melancolia ou das mesquinhas vaidades humanas que a morte não abate.

A tal igualdade que, dizem os filosofos, nivela o pobre e o rico, o nobre o plebeu na «Terra da verdade», é um mito, quimera vã, como as grandes ilusões da vida. Pois não é a morte o «grande desengano»?

Que resta, nos vales de Josaphat e de Hinnon ,ou nas mortuarias de Siloeh da memoria dos profetas ali sepultados para a eternidade, dos mortos ilustres e dos plebeus de Jerusalem? «Tanto a memoria do homem é como a onda fugitiva e pérfida!».

Preguntem a qualquer coveiro, a um desses tipos de rosto inexpressivo que, ás vezes, fuma tranquilamente, sentado na lousa destinada a cobrir o primeiro cadaver a chegar, ou trauteia uma canção alegre, emquanto cava os «quatro palmos de terra» para qualquer outro, que entende ele da igualdade na «cidade dos mortos».

Todos eles, semelhantes entre si, iguais ao coveiro da lenda da Boemia que falava, dia a dia, com a morte. sem reconhecer a estranha figura que o interpelava, filosofos como o coveiro de hakespeare ante a caveira do bobo Yorik, partidarios da teoria da indiferença, responderão com o mesmo sorriso descrente e a mesma naturalidade, que aquilo é assim mesmo, tal e qual como na vida.

E emquanto cospem nas mãos e atiram com a enxada ás entranhas da terra, vão filosofando:

—Qual igualdade nem meia igualdade!... Cada um é como cada qual e cada qual é diferente dos outros. Ponham aqui os olhos! Isto há-de ser sempre assim, emquanto o mundo fôr mundo!...

* * *

Imaginam lá que ironias amargas, que irreverencias, que despeitos, que singulares motejos, incoerencias e humorismos doentios se desprendem dos marmores e dos epitáfios de certas jazidas, nos cemiterios de Lisboa?!

Há criaturas ás quais a dôr lancinante e a saudade imortal inspiram dedicatoria sentida em pedra lavrada ou legenda piedosa em letras de oiro e os que deixam patente a sua mordaz ironia em estravagante emblema ou em letreiro bizarro sôbre o lugar onde o tempo os reduz a pó.

Há, ainda, outros que, em vida, ditam o proprio epitafio em autolouvaminha das suas virtudes incomparaveis; os que partem inconformados e os que vão para o outro mundo a sorrir... Há, até, os que fazem *espirito* na «cidade dos mortos»!...

No cemiterio dos Prazeres—este nome não é uma singular contradição?—topam-se, a cada passo, exemplos destes, coisas que fazem sorrir e pensar nas estranhas emoções que a lembrança da morte provoca em certas almas.

Na rua n.º D., por exemplo, foi construido certo jazigo subterraneo, com o n.º 1.971, encimado por um pedregulho em forma de rochedo. Nêsse bloco de pedra, um artista estrambótico gravou um pé humano, a letra D e uma rosa.

O sujeito que não fôsse dado a decifrar charadas olharia para aquilo e ficaria embaraçado; se tornasse a olhar permaneceria na mesma. Mas, ao cabo de tanto mirar e remirar, sempre havia de descobrir o enigma: o jazigo fôra destinado a um sr. Pedrosa e o engenhoso autor da inscrição, querendo simbolizar o apelido daquele, teve este raciocinio matematico: Pé+D +Rosa=a *Pedrosa.*

Pois não tem isto autentico sabor duma charada?

Na rua 17, em frente do jazigo com o n.º 1.080, seria preciso tomar folego para ler esta inscrição, que resume ás virtudes de um cidadão exemplar: «Aqui jaz..... filho legitimo do sr..... e D.... Nasceu em 29 de Setembro de 1783, saiu de casa de seus avós, onde fôra educado, na tenra idade de 11 anos e 3 meses, viveu sempre incognito de seus parentes, viveu sempre em boa harmonia com os seus semelhantes, não só em Portugal, como no Brasil, como nas Americas Espanholas, onde viveu por algum tempo, nunca assinou papel algum para perseguir o seu semelhante, cumprindo sempre com a maor prontidão todos os seus pagamentos emquanto negociou. A Terra lhe seja leve».

Que dizem a esta magistral biografia?

Aqueles que se lembram do «Manuel dos Passarinhos» e das saborosas petisqueiras, á volta dos enterros, no Alto de S. João, poderiam encontrar no jazigo n.º 243, na rua n.º 25-E dos Prazeres, a famosa tabuleta do sempre chorado retiro: «Cá te espero»...

Ainda outros disticos semelhantes reflectem qualquer coisa da personalidade dos habitantes da «cidade dos mortos», no imenso deserto de cantarias. Mas, reparem os filosofos e pensadores que buscam a forma de transmitir as ideias luminosas em maixmas e sinteses lapidares: um filosofo admiravel repousa nos Prazeres, esquecido, vitima da ingratidão humana, num abandono que nos punge e envergonha.

Está encerrado num jazigo, na rua n.º 33 E, sôbre o qual deixou aberto um livro, onde as gerações rebeldes podem aprender que «A gloria de um homem de bem está no descanso da consciencia». «Adormeci e descanso nesta pagina»...

Dêste sabio filosofo bem se pode dizer que o seu livro resiste ao tempo... porque é de pedra.

CESAR DOS SANTOS

Dois sonetos de Natercia Freire

INFANCIA

Noites da minha infancia – que saudade!
E a terna voz da ama, voz de afagos,
falava-me das bruxas e dos magos,
que rondavam, maldosos, pela herdade.

E a rustica, inocente, Scheerazade
inventava p'ra mim contos aziagos;
longinquamente, à flôr azul dos lagos,
havia fadas, moiras, outra Idade!

Reis ferozes e curvos como alfanges
galopando febris p'ra além do Ganges,
tambem p'ra mim trazia do seu regaço.

E, à dormencia da voz embaladeira,
eu queria ser aquela bailadeira
que, infantinha, roubaram do seu Paço.

HORAS ADORMECIDAS

Iremos, quando as horas adormecem
lá pela tarde quente, na distancia...
A tua ânsia junta à minha ânsia
na aleluia dos dias que não esquecem.

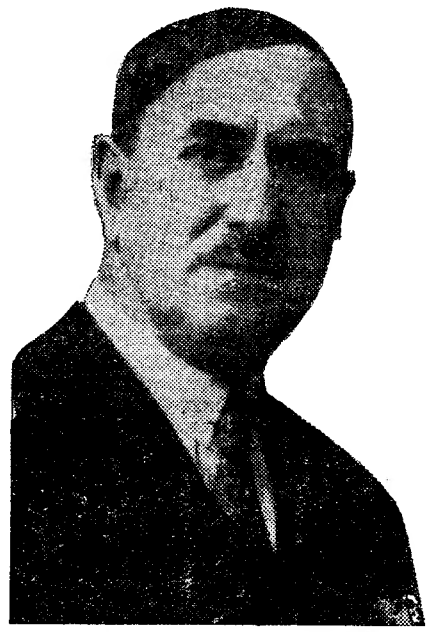
Iremos, quando as horas adormecem...
E em atitudes raras de elegância
tu beberás Amôr, tôda a fragrância
nos meus olhos que as sombras escurecem.

Nos salgueirais há vozes de segrêdo.
Penetra-nos de sonho o arvoredo
e as cantigas dolentes dos boieiros...

E docemente numa paz serena,
há-de embalar-nos mais a cantilena
dos rouxinois, dispersos, nos loureiros!...

O NOVO ROMANCE

de Alexandre Malheiro



Alexandre Malheiro, que já nos havia dado, uma graciosa aguarela romantica com *A Fidalguinha da Levada,* publicou agora, um romance de feição realista, *Um Homem de 50 anos,* que, em absoluto confirma os seus dotes literarios. *Um Homem de 50 anos* é, até certo ponto, dentro da palpitação rapida do entrecho, um estudo da vida amorosa dum individuo que, tendo encanecido agarrado á recordação duma mulher, procura renascer das cinzas desse passado.

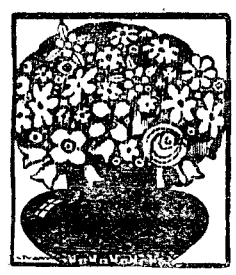
As suas experiencias sentimentais, os seus desenganos, a esperança imoderada que, por fim, reabilita o seu pobre coração, e, mais a superficie, a pintura dos ambientes, as figuras secundarias, numa palavra, todo o veio humano da obra, está não só bem tratado, mas destacado com singular verdade.

Ecos

No pavilhão da Sociedade das Nações, no World's Fair, que, brevemente, se inaugura, na exposição de Nova York, a admiração dos visitantes fixar-se-á, certamente, numa charrua simbolica, denominada a «charrua da paz». Tem uma historia curiosa. Esse instrumento de lavoura foi construido com as espadas dos oficiais americanos que combateram numa das guerras civis do Mexico, tendo sido pela primeira vez exposto, em 1876, quando da exposição do centenario dos Estados Unidos.

Dois anos mais tarde figurou na Exposição Universal de Paris, estando depois em Genebra, na sala Alabama. O nome desta sala evoca a arbitragem do litigio anglo-americano, em 1872: os nórte-americanos reclamavam da Grã-Bretanha uma indemnização pelos prejuizos causados pelo cruzador «Alabama» e outros corsarios confederados, recebidos em postos ingleses. Figuram tambem no pavilhão da Sociedade das Nações, um diploma original do Premio Nobel, de 1938, conferido á comissão Nansen, que tratou dos refugiados da Grande Guerra, um volume com tratados registados em Genebra, bem como uma bandeira da S. D. N. que administrou o territorio de Leticia, disputado pela Colombia e a Republica do Peru.

■



Todos os anos, em 19 de abril, os ingleses comemoram o aniversario da morte de lord Beaconsfield, que André Maurois tão admiravelmente biografou no seu «Disraeli». Todos os socios da Liga das Primaveras (flor muito vulgar na Inglaterra) trazem-na na botoeira, ou no peito, em honra do ilustre ministro da rainha Vitoria. Essa flor tornou-se até certo ponto, o simbolo de Disraeli. Foi um erro de interpretação que originou esta tradição.

Nos funerais de lord Beaconsfield, a rainha enviou uma corôa de primaveras, com estas palavras: «As suas flores favoritas». Julgou-se, naturalmente, que, no pensamento da soberana, esse possessivo que se referia ao principe consorte Alberto tivesse alguma ligação com o ministro, tornando-se desde então, o simbolo da sua admiravel existencia.

Lord Beaconsfield, porém, nas suas obras só uma vez se referiu a essas flores, dizendo que eram excelentes em salada...

■

E' posto á venda nas livrarias, ainla este mês, um novo romance de Arnaldo Ferreira: «Os Barbosas».

Trata-se da cronica, pitoresca e sorridente, duma familia provinciana em Lisboa, satira que, como as anteriores obras deste autor, pode ser lida por toda a gente. O consagrado humorista de «Lisboa sem camisa» continuará a dar-nos neste seu novo trabalho o estudo vivo e caricatural de certos meios sociais em que a noção do ridiculo nem sempre acompanha o prazer equivoco da dissipação e do luxo.—«Os Barbosas» será com certeza um novo triunfo para Armando Ferreira—um dos autores que têm maior publico no moderno panorama literario português.

Um livro de Mauriac

O carpinteiro da Nazaret

A *Vida de Jesus*, de François Mauriac, é a humanização dum deus, o *curriculum* duma existencia, que o fluir dos seculos, ansiosos sempre por uma *Força tutelar*, a quem erguer as mãos numa humildade aureolada de prece que o fluir dos seculos refractou em divino.

Como no livro classico de Renan que ele construiu com as suas ancestralidades misticas de bretão, corrigidas pelos escrupulos morais, que o fizeram desviar-se do seu futuro logico de seminarista de *Saint-Sulpice* («no fim de contas—afirma não sei onde—sinto que todos os actos da minha vida têm sido norteados por uma crença que perdi»); como no livro classico de Renan, a que Wilde chamava:—esse delicioso quinto Evangelho,—constantemente nas paginas deste volume do autor pascaliano de *Genetrix* e dos *Destinos*, a Grande Presença propiciatoria, a enigmatica figura suave, impressionante no oiro-poente do seu cabelo russo e em cujos olhos vaga um brumaço de cismas, constantemente nos reconforta e nos levanta do chão das nossas ignominias; adjura a que caminhem, aos nossos estagnados acabrunhamentos, sobrelevando-nos e redimindo-nos com a maravilha simplissima do seu exemplo.

* * *

O livro de Mauriac, de que eu tenho aqui, diante de mim, a mascara vibratil, duma magreza ascetica de donatorio de retabulo, desenhado por um pincel fervoroso do *quatrocento* italiano, mascara á Bergson, em carcomidos de linhas pensativas, e em cuja coesão harmonica dirieis que freme e se inquieta não sabemos que incoercivel discrepancia *atormentada* de eslavo—o livro de Mauriac não podia ser, de modo algum, um estudo ressêco e doutoralmente «impessoal», apostilhado de roda-pés elucidativos, como seria capaz de espontar qualquer desses historiadores exegetas, que ele exautora no seu *prefacio*.

E' a oblata dum espirito ao resumo excelso, á quinta-essencia imarcessivel, da mais depurada Espiritualidade.

... Dum espirito que, graças lhe sejam! não nega o sobrenatural...

E é este, na verdade, o aspecto de mais esplendente encanto do trabalho que ele levou a termo, saudoso por o não ter podido escrever de joelhos, como Fra Angelico pintava a graça das suas Madonas: o sobrenatural como um elemento essencialissimo do acontecivel.

Jesus ressuscita os mortos; faz que os paraliticos acordem do seu sono locomotor e, alertas e ovantes, batam o solo, sobreexcitado de ar livre, no julho dionisiaco das manhãs; transforma em vinho a agua das seis urnas de pedra nas bodas de Caná; junto do poço de Jacob, recortando contra o oiro-ambar das messes da Samaria, uma sugestão idilica de vinheta, faz da sede e da fadiga, que o atormentam, como que uma dádiva de alma, que na mulher miserrima, envilecida de pecado, fica a irradiar como uma luz, que não se extinguirá mais: a fé em que a sua ignominia tem perante o Ceu o mesmo valor da pureza sobranceira dos que nunca pecaram...

No lusco-fusco do deserto, quando um vento triste de quasi-noite entretecia ao rés da erva a sua queixa viuva, e a sombra se refrangia pelo incomensuravel como um longo soluço difuso,—para contentar a fome das cinco mil pessoas, que escutavam, absortas, aquela voz de misterio ressoando subtilmente em profundidade, acendendo no negrume de cada mortificação o santelmo das bemaventuranças, Jesus multiplicou os cinco pães que um rapaz trazia, de modo que nenhum apetite deixou de ter ali o seu quinhão.

Dormindo na pôpa da barca, que a conjura da vaga e da tempestade vai fazer sossobrar num inextricavel melodramatico de naufragio, —acorda-o o grito dos seus amigos:

—Mestre, morremos todos!

Com os olhos ainda hesitantes na desconexão do sono, ergue-se da almofada em que repouzava, e só porque se levantou e fixou as ondas, um instante, num jeito superciliar de intimativa, eis que tudo se acalma, como um molosso que se enrosca submisso, desmemoriado da sua investida.

Para alcançar mais depressa os seus Apostolos que remam, a braçadas largas, direitos á praia de Capharnaum, Jesus avança com passo agil por sobre o plaino liquido, e atento a que se não assustem, incertos e desprevenidos na tremulina do luar, desentranhando do extase das coisas fantasmagoricas,—brada-lhes de longe:

—Sou eu! Sou eu! Porque tendes medo?

Mauriac fala-nos de tudo isto com palavras de tal maneira sobressaturadas de possivel, com um vinco tão intensamente abroquelado de verdade, que perante o que ele nos conta a algebra das nossas realidades se transmuta numa mistela fátua de ficções.

O seu livro não é assim uma apresentação timorata de postulados. E' uma sarça triunfal de demonstrações.

Não enuncia preguntas. Responde, e convence.

Pode-se dizer que é a voz profetica explicando todos os enigmas desta epoca convulsa, em que nos debatemos, crucificados num madeiro de duvidas, em que somos a um tempo o corpo que esperece nos emaciamentos lividos da agonia e o centurio cruel que espeta a lança no sitio do coração.

Cansadas dos amargos cepticismos, que nunca resolveram, a-final, coisa nenhuma, arrastando consigo o tropeço das malditas ironias que criaram, a babujarem de escarneo a alvinitencia do que é sacrossanto,—as gerações de agora só uma coisa apetecem, com uma especie de impaciencia arterial de todas as suas celulas; só uma coisa: acreditar!

E que nas encruzilhadas da descrença antiga, alguem lhes faça vislumbrar a Fé...

* * *

No capitulo XVII, do livro de que tenho vindo a falar, e que refere o episodio da «mulher adultera», ha uma nota, só comparavel, na grandiosidade simples do seu *achado*, ao que vem no *Crime e Castigo*, quando Raskolnikoff, ulcerado por todos os abespinhamentos do seu *acto inutil*, presa do maëlstrom dedutivo do juiz Porfirio, se prosterna a beijar as mãos embaraçadas de Sonia, a palida arveola do vicio, que a má sorte esculpiu em amuleto expiatorio:

—Não é diante de ti que eu ajoelho, é diante de todo o sofrimento humano!

Tinham os doutores do templo arrastado até á presença de Cristo a triste mulher, que estaca em frente desse desconhecido que vai ser o seu julgador,—desgrenhada e com os olhos estravagando na agua turvada do medo, umas precarias vestes a aviltarem-lhe a nudez.

Ele não a olha, e tendo-se abaixado, escreve no chão com o dedo o que quer que seja.

S. Jeronimo afirma que são os pecados dos acusadores que ele enumera nesses hieroglifos fortuitos.

Quanto mais bela (ajunta Mauriac) é a verdade desse seu projecto! O Filho do homem, sabendo que essa desgraçada esfalecia, menos de medo que de vergonha, não o olhava, porque ha certas horas na vida duma criatura, em que a *maior caridade é não a vermos*...

A sintese de tudo o que expende põe-na o autor do volume no capitulo da *Ressurreição*, de que eu vou procurar dar aqui o suco essencial, ressarcindo, uma e outra vez, a febre nevrotica dos meus dizeres com o calmo cintilar dos seus:

... A presença de Jesus ressuscitado dura ainda; não é temerario avançar que a sua Ascensão a não interrompeu.

Depois de ter aparecido a S. Tomé, que queria ver para acreditar, é evidente que se sentou á mesma mesa com os dois peregrinos de Emauz, sob o fumoso clarão, espectralizado de sombras, do quadro de Rembrandt.

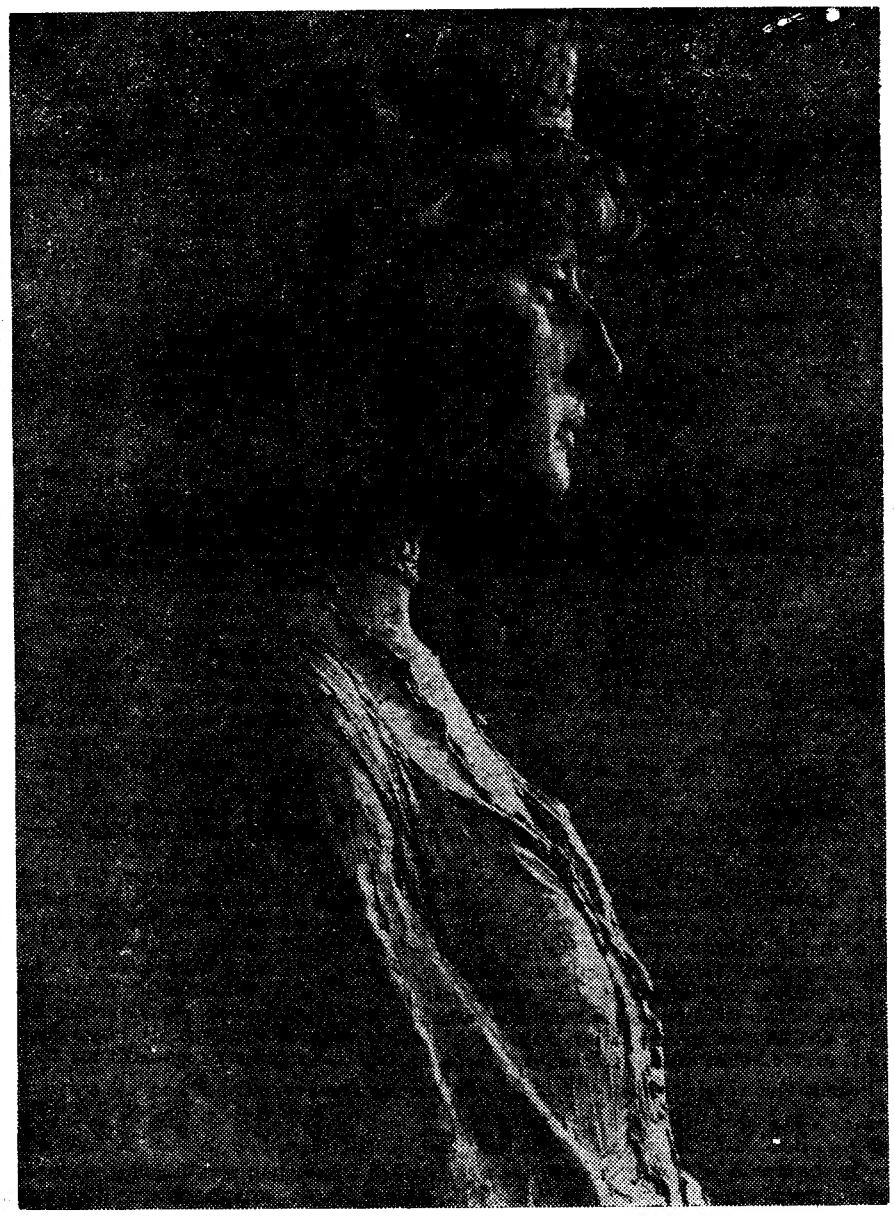
Uma manhã, á beira do lago de Tiberiade, conversa com Pedro e João, e algumas semanas mais além, quando Jesus se separa do grupo dos discipulos, e se eleva e se dissolve na luz,—não é uma partida definitiva que se verifica.

No cotovelo do caminho que vai de Jerusalem a Damasco, espera o momento de Paulo passar, para converter a sua pertinacia negadora em adoração.

Daí por diante, no destino de cada homem ha de haver esse Deus á espreita...

CARLOS PARREIRA

Arte portuguesa



A princesa D. Vitória de Hohenzollern e Bragança, viúva de D. Manuel II

(Escultura do ilustre artista Francisco Franco)

OS LIVROS DA SEMANA

UM METODO CRITICO E OS SEUS RESULTADOS EM CASA DE «O DIABO»

por EDUARDO SCARLATTI

I—Da critica criadora

De facto a critica não cria valores: a critica descobre-os e define-os. Não é a primeira vez que aponto os limites da critica. Mas a verdade é que a critica tem em si mesma possibilidades de vida independente. Não é impraticavel uma critica *criadora*. Quando não descubra e defina valores, pode descobrir e definir caminhos e tendencias. Eis por que ha que não julgar levianamente uma critica preocupada com esclarecer problemas de caracter geral. E' nos países de literatura menos rica que se me afigura dever germinar mais facilmente uma critica criadora. São as épocas de crise que vêem surgir essa especie de critica. Não precisamos de ir longe: a geração espanhola de 98, com Ganivet á cabeça. Aqui está uma geração esclarecedora e definidora de valores abstractos. Desde Unamuno, definindo o caminho do casticismo, até Baroja, preocupado com o problema do romance, todos os escritores desta epoca praticaram uma critica criadora.

Na verdade, a critica não semeia talentos. A critica não faz génios. Mas como os talentos e os génios se exprimem para o mundo é absolutamente natural que nesse mundo surjam espiritos preocupados com discernir o que nas obras desses homens superiores é digno de ser considerado. O critico é, afinal, como o disse já não sei quem, um leitor que ensina a ler. Não só isso, todavia. O critico é tambem um leitor que hierarquiza os valores literarios. Quando o não faz para os contemporaneos, fá-lo-á para os escritores do passado. E' esse o papel dos verdadeiros historiadores da literatura. Quere dizer: onde ha valores revelados o papel da critica é aprofundar-lhes a mensagem e hierarquizá-los entre os seus pares. E onde são escassos os valores que deve fazer a critica? A mesma coisa, mas não só isso. Quando os valores literarios não abundam ou são débeis as obras a critica tem uma missão mais larga a cumprir: compete-lhe estudar as proprias condições da literatura e aprofundar os problemas mercê dos quais a literatura existe. E' então que surge a critica criadora: a missão dessa critica aparenta-se á missão da pedagogia. Assim como a pedagogia estuda os problemas capazes de tornarem o homem mais consciente do seu papel de formador de espiritos, a critica criadora absorve-se no estudo dos problemas mercê dos quais se abrem perspectivas á literatura.

II—Da necessidade de uma estetica

Eis por que me não parece provavel que a critica interpretativa possa dar grandes frutos num país de literatura débil. Interpretar, expôr e explicar obras literarias em si mesmas tão pobres de sentido e tão escassas de *valores* originais que se pode dizer nada tenem que interpretar, expôr ou explicar afigura-se-me trabalho estéril. Perante uma tal literatura, outra missão compete á critica. Compete-lhe mostrar os caminhos que ela devia seguir e não segue; compete-lhe assentar as suas premissas criticas numa solida base de valores conscientemente assimilados. E' limitativa uma tal critica? Talvez. Será limitativa quando os valores literarios sobre que tiver de exercer os seus juizos começarem a colher os frutos dos seus ensinamentos. E' perigoso o ensino normativo quando ha probabilidades de vêr surgir de entre os estudantes valores de tal modo originais que transcendam as proprias possibilidades do ensino. Quando o aluno é mais inteligente do que o mestre, o mestre pode tornar-se nefasto ao aluno. Mas o mestre inteligente tem obrigação de dar ao discipulo as condições necessarias ao desenvolvimento de uma inteligencia ilimitada. Para isso, basta que lhe dê autonomia individual. Eis o que deve fazer a critica criadora num país de débeis valores: mostrar os verdadeiros caminhos da literatura deixando livre a circulação por todos eles. Nada de regulamentos, nada de normas proibitivas.

Caso contrario, que poderá fazer a critica? Que poderá dizer um critico, sem uma concepção geral dos problemas literarios, de uma obra menos que mediocre? Que poderá dizer um critico, que se queira limitar a expôr e a explicar, de obras inferiormente concebidas e paupérrimamente realizadas? Perante obras tais a critica só tem um caminho; dizer o que nessas obras não está. Para se dizer o que não está numa obra literaria uma coisa se me afigura indispensavel: saber o que nela devia estar. Para tanto eis que é impresoindivel uma concepção teorica da literatura: uma filosofia da literatura. Numa palavra: uma estética.

III — Do ressurgimento do teatro português

Aplicar-se-á á literatura portuguesa o que atrás fica dito? Incontestavelmente. Mas a um ramo de literatura portuguesa estas considerações não podem deixar de se aplicar com justeza absoluta. Se a nossa literatura de ficção é pobre, se o nosso ensaio não é tão rico quanto seria para desejar, se a nossa critica é timida, se os grandes poetas não surgem todos os dias, a verdade é que o nosso teatro se pode dizer inexistente. Duas ou três excepções, não lhe dão vida. Que ha-de então fazer uma critica que tem por objecto um valor negativo? Que ha-de fazer uma critica teatral num país onde o teatro se mantem no estado... que toda a gente sabe qual é? Um unico caminho lhe resta: o da critica especulativa, ou criadora, como eu lhe chamei.

Aí muita coisa ha a fazer. Ha que principiar por assentar os alicerces de uma estética do teatro. E depois, só depois, é que o critico poderá aplicar á deficientissima produção portuguesa aquilo que ele estabeleceu como fundamental na arte do teatro. De outra maneira, que fazer? Explicar o *Eh, Real?* Interpretar *O Sacrificado?* Fazer uma exegese dos valores dramaticos de *A Fidalga de Arronches?* Infeliz critico que a isso tenha de se sujeitar. Como tomar a sério peças que nunca poderão ser consideradas obras de arte? Perante tais obras o critico só uma coisa pode fazer: mostrar o que nessas obras não está. Para tal, tem de ter como ponto de partida dos seus juizos criticos uma concepção sólida do que é a arte dramatica. O seu unico refugio é uma teoria do teatro, uma filosofia do teatro, uma estética dramatica.

Mas na critica dramatica ha outros aspectos a ponderar. Não ha só o problema das obras de arte: ha tambem o problema do actor ou interprete. Directamente ligado com este problema outros aparecem. Em relação a um teatro deficiente o critico tem uma missão vastissima a cumprir. A importancia da sua missão é mesmo muito maior do que a importancia da missão da critica literaria. E' da propria natureza do teatro estar directamente em contacto com o publico. A educação desse publico por uma inteligente exposição do em que consiste a arte dramatica pode contribuir de maneira capital para o progresso do teatro. Em Portugal, pois, tem a critica especulativa ou criadora, no capitulo particular do teatro, uma grande missão a cumprir. Tem de começar por dar aos portugueses uma noção exacta e profunda do teatro: uma estética do teatro. Depois, tem de estudar as condições particulares do seu desenvolvimento em cena. Por fim, tem de mostrar o que não está feito, em função do que se faz. Uma critica dramatica criadora é, entre nós, quanto a mim, factor capital no ressurgimento daquilo a que ha seculos se chamou Teatro Português».

IV—De um critico e do seu metodo

Coisa extraordinaria. Isto que era preciso fazer-se, um homem o fez entre nós em anos de labor persistente e honestissima porfia. Esse homem chama-se Eduardo Scarlatti. Não quero perder esta oportunidade para fazer justiça àquele que terá de ficar na historia da nossa literatura dramatica como um dos mais heroicos e inteligentes paladinos do seu ressurgimento. Infelizmente, a sua campanha está interrompida. Se eu não soubesse o que é fazer critica em Portugal, talvez me atrevesse a censurar Eduardo Scarlatti por não persistir na sua meritoria tarefa. Mas a minha experiencia ensina-me a compreender... A independencia com que Eduardo Scarlatti manteve no jornal *O Diabo* durante alguns anos uma rubrica de critica teatral acabou por dar à sua atitude o caracter de «heretica, perigosa». Num país de gente dependente, a independencia de alguns incomoda. «A vida está nas mãos dos que souberam montar o seu negocio», escrevia Scarlatti no prefacio do seu livro *Em Casa de «O Diabo»*, publicado em 1936. O teatro é, em Portugal, «um negocio». Para poucos será uma arte. Eis por que a independencia de Eduardo Scarlatti perante esse «negocio» acabou por levá-lo ao silencio. Silencio voluntario, é certo; silencio que a centena de leitores com que Scarlatti modestamente contava ao publicar em volume as suas criticas não pode deixar de lamentar; silencio que, afinal, a «inópia artistica do nosso meio» justifica e celebra. Com efeito, «a revisteca, a farsa de borra intelectual e o drama folhetinesco são ainda o repasto normal do nosso publico». Eram-no em 1936 e continuam a sê-lo em 1939. «Raras vezes aparece coisa de jeito», continua Scarlatti no prefacio do seu livro *Em Casa de «O Diabo»*. «Invenções pobres apenas estimulam tacanho pensamento». Não obstante, a critica de Eduardo Scarlatti impunha-se pela nobreza e segurança do seu pensamento. Apesar da «invenção pobre» do nosso teatro, Scarlatti muito tinha a dizer dele. Os seus escritos possuem todas as caracteristicas daquela critica, criadora a que atrás me referi. Anda mesmo quando falava de «revisteca», «farsas de borra intelectual» e «dramas folhetinescos» Scarlatti fazia considerações salutares e originais. Isto porque Scarlatti, certo de nada ter a explicar nas obras criticadas, era naturalmente impelido a mostrar o que nessas obras não existia. A sua critica era superiormente marcada por uma original filosofia da arte dramatica, uma solida cultura teatral e uma sagacissima intuição daquilo em que consiste o verdadeiro caminho do teatro. Eis por que o seu livro *Em casa de «O Diabo»* mantem hoje uma actualidade impressionante. Eis por que a sua leitura continua a ser uma preciosa lição.

V—De algumas das suas aplicações

No capitulo do livro de Scarlatti, *Em Casa de «O Diabo»*, consagrado á critica de o «Auto de Santo Antonio» podem ler-se estas palavras: «Para mim o espectaculo, seja qual fôr —romance, teatro, musica, cinema—torna-se estimulo de meditação. Talvez por esse motivo deixo-me arrastar para os conceitos de ordem geral». E mais adiante: «Importa-me encontrar o sentido de tudo quanto é vida—realidade ou sonho—nortear a critica». «*Nortear a critica*», de facto. Este é um dos mais altos meritos da obra de Eduardo Scarlatti. Começou por aprofundar a lição dos maiores dramaturgos contemporaneos: No livro *Ideias de Outros*—a sua primeira obra consagrada aos problemas do teatro—estudou François de Curel, Pirandello, Maeterlinck e Lenormand. Aí consagrou um estudo ao grande dramaturgo Tchekoff. Conhecedor da mensagem dos maiores escritores teatrais europeus, Scarlatti traçou as linhas gerais da sua estetica teatral. O seu livro, que infelizmente não conheço, *A Religião do Teatro*, subintitula-se: «Ensaio sobre a determinação das leis esteticas do Teatro Novo». Aí estão, de certo, expostos os pontos fundamentais da sua estetica, depois resumidos no livrinho que tenho presente *Um metodo critico e os seus resultados*, (Lisboa, *Seara Nova*, 1939). Nada mais natural, portanto, que perante a deficiente produção teatral portuguesa Scarlatti se deixasse levar para as ideias gerais. «Nortear a critica» foi durante muito tempo a sua meritoria missão.

Em que consiste a estetica teatral de Eduardo Scarlatti? Melhor, com certeza, que qualquer das suas criticas coligidas no volume *Em Casa de «O Diabo»* e melhor, sem duvida, do que a breve exposição de *Um metodo critico e os seus resultados* feita ao 5.º Congresso Internacional da Critica, nos poderia elucidar sobre ela a sua obra *A Religião do Teatro*. Contentar-nos-emos em expôr alguns dos pontos que se nos afiguram capitais dessa estetica.

Para Scarlatti, como para qualquer crítico europeu consciente da missão do verdadeiro teatro, o teatro é «poesia tornada consciencia». Assim, para êle, o teatro mergulha as suas mais remotas raizes na musica. De acordo com Nietzsche, para Scarlatti «a evolução progressiva da arte é o resultado da consubstanciação do «espirito apolineo» e do «espirito dionisíaco». Mas Scarlatti foi mais longe, ao «espirito apolineo e dionisiaco» acrescentou «a sublimação erótica». Assim o homem «dirigindo convenientemente o excesso de energia erótica de que é dotado» pôde «soltar-se da lei *da sua forma* para compreender e reproduzir nas suas obras *a totalidade das formas*». Assim o homem se tornou «o lugar geométrico do ritmo unitário». Conquanto aparentemente obscuras, estas considerações são claras a quem tenha lido a *Origem da Tragédia*, de Nietzsche e as considerações de Freud e dos seus discipulos sobre a sublimação do instinto sexual. Não é neste ponto que a tese de Scarlatti pode ser tida como original. Original é, até certo ponto, a sua exegese da evolução da arte, desde a musica, através da dança, passando pela tragedia grega e por Shakespeare, e atingindo a forma actual do teatro com a evolução posterior á *Nona Sinfonia* de Beethoven. O teatro, que começara por traduzir «a acção inconsciente em vida inteligivel» chega nos nossos dias a uma especie de conciliação entre as ideias e a poesia. Depois do «sentimento das ideias» o teatro passou a ter «a ideia dos sentimentos». Se um Ibsen nas suas obras poéticas, como *Peer Gynt* ou *Brand*, pende francamente para o teatro simbolista, oscilará depois entre o simbolo e a ideia. Essa oscilação manter-se-á até hoje. «Assim poder-se-á dizer que no teatro de Pirandello há uma «especie de loucura sagrada». As personagens dêle, diz muito bem Scarlatti, vivem sentimentos absolutos. Como ainda há muito pouco tempo aqui tive ocasião de dizer, o teatro nunca foi, nos seus mais belos periodos, realismo, expressão directa de um conflito qualquer de sentimentos reais. O teatro é o «real pensado»: Isto, talvez obscuro nas conclusões de Scarlatti expostas em *Um método crítico e os seus resultados*, surge transparente nalgumas das suas críticas. E' incontestavel que Scarlatti mergulha fundo nas especulações filosóficas á volta da estética do teatro. Mas não é menos certo deixar-se, por vezes, arrastar para longe do aspecto concreto das questões. Há nele uma propensão para a síntese metafisica que prejudica a nitidez das ideias. Felizmente Scarlatti a cada passo obrigado a concretizar os seus pontos de vista, mitiga as nebulosas metafisicas e põe em termos críticos aquilo que antes congeminara de uma forma talvez esotérica.

Para que não tenhamos duvida sôbre a clareza do seu metodo basta lançarmos os olhos a algumas das suas críticas coligidas no volume *Em casa de «O Diabo»*. Não falando já na sensatez com que Scarlatti se refere aos desatinos das nossas empresas, na justiça com que premeia ou castiga certas interpretações dos nossos actores, na severidade com que condena as companhias estrangeiras que nos querem dar gato por lebre, nas subtis considerações com que confronta teatro e cinema, é preciso reter o estudo serilissimo sôbre Shaw, as justissimas notas sôbre Ramada Curto e Schwalbach e a critica sagáz ao *Deus lhe pague* de Joracy Camargo.

De facto, escritores de teatro como Schwalbach ou Ramada Curto encontram em Scarlatti juizos definitivos. Não sei se as críticas de Scarlatti tiveram a repercussão que mereciam. A verdade é que os seus juizos sôbre êstes escritores deviam ser meditados. A Schwalbach não nega Scarlatti alguns méritos. Mas tudo fica dito quanto põe em relevo que «o exito é o caruncho da gloria» e a preocupação capital dêste abundante escritor de teatro foi sempre o êxito. «Schwalbach lutou pelo exito», escreve Scarlatti, «razão por que não foi o Mestre que poderia ter sido». E' certo que Scarlatti desculpa a produção em série de certos escritores teatrais portugueses com a necessidade do «pão nosso de cada dia». Debil explicação. Nem Shaw, nem Pirandello, nem Ibsen, com uma abundante bibliografia, se prejudicaram com muito escrever. No estudo crítico sôbre o *Sol Poente*, Scarlatti diz algumas coisas definitivas sôbre o talento de Ramada Curto. «O pensamento, que no dizer de eminente critico Adriano Tilgher, constitue «o verdadeiro protagonista do novo teatro» desempenha nas obras de Ramada Curto um papel, insignificante». Estas palavras de Scarlatti explicam admiravelmente que o talento de Ramada Curto se perca a maior parte das vezes em obras sem transcendencia, como, por exemplo, a peça por Scarlatti estudada, *Sol Poente*. Mas a penetração e a subtileza analitica do talento critico de Scarlatti atinge a sua plenitude no estudo consagrado á peça *Deus lhe pague*. Não se pode ser mais exacto, mais justo, mais imparcial. A obra de Camargo, com um dialogo de uma brilhante acrobacia intelectual, deixa transparecer incertezas de um «espirito imaturo», como diz Scarlatti. Por isso a tese da peça acaba por se esfacelar nas proprias engrenagens dela.

Perante um pensamento crítico tão justo, tão subtil e tão imparcial como o de Eduardo Scarlatti só uma coisa havia a desejar: que tal pensamento não emmudecesse. Emquanto Scarlatti se cala, outros, apenas habeis, apenas «espertos» vão conduzindo á ruina completa isso a que hoje irrisoriamente se chama ainda «Teatro Português».

JOÃO GASPAR SIMÕES

NOVIDADE JURIDICA
Da **Letra e da Livrança segundo a Lei uniforme e o Codigo Comercial,**
pelo DR. JOSÉ GONÇALVES DIAS, Delegado do Procurador da Republica
1.º VOLUME brochado, 60$00; enc., 75$00
2.º volume a aparecer em Maio proximo
Pedidos á Livraria Gonçalves (Depositaria) — COIMBRA
A' venda em todas as livrarias